

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Cristhiane Tatiane de Oliveira Almeida

A LUTA POR DIREITOS DAS MULHERES NO BRASIL:

O caso de Nísia Floresta

SÃO PAULO

2017

Cristhiane Tatiane de Oliveira Almeida

A LUTA POR DIREITOS DAS MULHERES NO BRASIL:

O caso de Nísia Floresta

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Senso da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Cardoso Gomes.

**São Paulo
2017**

ALMEIDA, CRISTHIANE TATIANE DE OLIVEIRA

A LUTA POR DIREITOS DAS MULHERES NO BRASIL: O caso de Nísia Floresta / CRISTHIANE TATIANE DE OLIVEIRA ALMEIDA. -- São Paulo , 2017

89 f.

Dissertação (Ciências Humanas) - Universidade de Santo Amaro, 2017

Orientador(a): Álvaro Gomes Cardoso

1.Educação. 2.Cultura. 3.Conquistas e Memórias. 4.Papel da Mulher. 5.Nísia Floresta. I.Cardoso, Álvaro Gomes, orient.
II.Universidade de Santo Amaro III.Titulo

**Ficha catalográfica gerada automaticamente pelo
Sistema de Bibliotecas da Universidade de Santo Amaro - UNISA**

Cristhiane Tatiane de Oliveira Almeida

A LUTA POR DIREITOS DAS MULHERES NO BRASIL:

O caso de Nísia Floresta

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Cardoso Gomes.

São Paulo, 23 de Agosto de 2017.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Álvaro Cardoso Gomes

Prof. Dra Alzira Lobo de Arruda Campos

Prof. Dr Luiz Fernando Santoro

Conceito Final

DEDICATÓRIA

Ao meu pai (*in memoriam*) e à minha mãe, que renunciaram a seus sonhos para que eu pudesse realizar o meu, partilho a alegria deste momento.

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Álvaro Cardoso Gomes, pela disponibilidade, atenção dispensada, paciência, dedicação e profissionalismo. Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho faz uma reflexão sobre o papel da mulher na história do Brasil, tratando de fatos importantes ocorridos desde o passado até o presente, com relevância para a cultura contemporânea. São aqui mencionados nomes de mulheres brasileiras famosas e citam-se igualmente seus feitos e contribuições para a paz, a consciência coletiva, o trabalho e a educação, a ciência, enfim, com vistas a um futuro melhor para o País. Esta dissertação, dividida em três capítulos, tem fundamento em pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica concernente aos itens: memória, identidade, cidadania, fatos históricos e participação de mulheres que se destacaram em determinados eventos. No decorrer do texto sobressai a figura ímpar de Nísia Floresta principalmente no campo educacional, com tamanha dimensão a ponto de substituir o nome de Papari, cidade do Estado do Rio Grande do Norte, sua terra natal, para Nísia Floresta.

Palavras-chave: educação, cultura, memória, papel da mulher.

ABSTRACT

This work aims to contribute to a reflection on the role of women in the history of this country, participating in important facts that have occurred since the past to the present, with relevance to contemporary culture. Here are listed the names of famous Brazilian women and also cite his achievements and contributions to peace, collective consciousness, work and education, science, finally, with a view to a better future for Brazil. This dissertation, divided into three chapters, is founded in qualitative research with literature review concerning to the items: memory, identity, citizenship, historical facts and participation of women who have excelled in certain events. In the course of the text stands out the unique figure of Nísia Floresta mainly in the educational field, with such dimension to the point of replacing the name of Papari, city in the State of Rio Grande do Norte, her homeland, to Nísia Floresta.

Keywords: education, culture, memory, woman's role.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O calabouço.....	16
Figura 2 - Primeira mulher a defender publicamente o feminismo.....	17
Figura 3 - Alunas da Escola Doméstica de Natal.....	21
Figura 4 - A luta pela liberdade dos escravos.....	22
Figura 5 - Título de eleitor de Bertha Lutz.....	29
Figura 6 - Comprovante do voto da mulher.....	29
Figura 7 - Modelo de título de eleitor da mulher.....	30
Figura 8 - Cumprimento do despacho validando o título de eleitor da mulher.....	31
Figura 9 - Homem como o centro das atenções.....	34
Figura 10 - Segunda edição do 1º livro de Nísia Floresta.....	46
Figura 11 - O último endereço.....	50
Figura 12 - Fachada do Museu de Nísia Floresta em RN.....	52
Figura 13 - Fachada do Colégio Augusto.....	55
Figura 14 - Lista de alunas.....	58
Figura 15 - Carta de Nísia datada em 17 de abril de 1857.....	65

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
2.A MULHER INTELLECTUAL NA SOCIEDADE PATRIARCAL	15
2.1 Mulheres sufragistas no Brasil	25
3.ATUAÇÃO DA MULHER NA CONQUISTA DE DIREITOS SOCIAIS E POLÍTICOS NO BRASIL	33
4. VIDA E OBRA DE NÍSIA FLORESTA	42
4.1 Uma obra diferenciada.....	42
4.2 Papel de Nísia Floresta como educadora e escritora	53
4.3 Viagens, a mudança definitiva e o contato com intelectuais	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	77

1.INTRODUÇÃO

Este trabalho vincula-se à linha historiográfica do papel das mulheres dentro da sociedade brasileira, ante fatos importantes ocorridos no Brasil, tomando como ponto central a figura de Nísia Floresta, que lutou sobremaneira pela democratização do acesso das mulheres à educação.

Nosso objetivo é retomar a biografia de Nísia Floresta (1810-1885), mulher que ousou lutar pelos direitos das mulheres, sobretudo no campo da educação. Retomamos sua vida e obra e buscamos discutir suas contribuições para a educação e o feminismo no Brasil.

Nísia Floresta Brasileira Augusta é apontada como uma das primeiras feministas brasileiras. Nasceu em 12 de outubro de 1810 no Sítio Floresta, em Papari, no Rio Grande do Norte. Era filha do advogado português Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa e da jovem viúva Antônia Clara Freire, que já tinha uma filha do primeiro casamento, Maria Izabel do Sacramento, e que tiveram, além de Nísia Floresta, mais dois filhos, Clara e Joaquim.

Nísia viveu num período histórico onde a mulher estava relegada totalmente à margem da sociedade, sofrendo diversos tipos de exclusão, dentre eles a exclusão de poder ter uma educação científica e de qualidade. Pioneira em sua época, esteve presente na luta pelos direitos da mulher e a igualdade entre mulheres e homens, sobretudo no campo intelectual.

Também aqui será analisada a figura feminina e suas lutas pela igualdade entre as pessoas, numa época em que as mulheres eram impossibilitadas de ascensão intelectual e não tinham direito à participação efetiva em nenhum setor da sociedade, pois seu acesso se restringia ao ambiente doméstico.

Este trabalho, com base bibliográfica sobre o feminismo, concentra-se na pioneira do feminismo no Brasil, que foi Nísia Floresta. Sua participação se evidencia a partir do século XIX e, de lá para cá, várias mudanças aconteceram em razão de suas práticas.

A princípio, nosso intento é falar das mulheres mais ativas na sociedade e de seus esforços para alcançar a equidade entre os sexos, quando elas começaram a questionar a divisão dos papéis sociais, afirmando existir um evidente privilégio para

o sexo masculino, e em contrapartida, para o sexo feminino sobravam apenas posições de submissão.

Com o passar do tempo e o ingresso de mulheres mais nobres e ativas na sociedade patriarcal, antes dominada por homens, deu-se início ao estudo dos problemas do feminismo, mas é preciso considerar que o mais importante estava no combate ao patriarcalismo. A luta feminina era focada principalmente na desigualdade de gênero. É de suma importância salientar que o machismo antigo ou atual ainda não desapareceu, apenas encontrou formas mais sutis de se manifestar.

Além de Nísia Floresta, são abordados sucintamente alguns fatos relevantes relacionados a outras figuras femininas que se destacaram numa trajetória histórica, contribuindo para a dinâmica da integração de mulheres na ampliação democrática da educação no Brasil.

É possível observar que essa percepção do feminismo aqui é mostrada como uma idéia de mulheres ativas da sociedade manifestando-se em muitos setores, como o direito ao voto, à educação, ao divórcio igualitário, etc.

Apesar de ser alvo de uma opressão histórica, a mulher só conseguiu ter voz há pouco tempo. A violência contra a mulher, por exemplo, só passou a ser considerada uma violação aos direitos humanos no final do século passado. Até hoje não existe licença-paternidade significativa, comprovando o sexismo dos papéis sociais. O que os jovens precisam entender, especialmente as mulheres, é que o patriarcado ainda vive, e infelizmente, com muita saúde.

É imprescindível lembrar também que há inúmeras opressões que potencializam o machismo e a aversão, como o racismo, o classismo e a homofobia. Uma mulher negra, pobre e lésbica é um alvo ainda maior de preconceitos. Portanto, é necessário que se discuta o patriarcalismo com todas as suas variações para que não haja exclusão, por exemplo, do afro.

Entretanto, fica equivocada essa visão, pois os homens idealizavam que a principal motivação da participação de mulheres em movimentos feministas eram de que todas faziam uma crítica aos papéis sociais, sexuais e condições de vida.

O fato é que não se trata apenas de reivindicar direitos, mas de repensar, questionar, criticar, reformular e construir uma nova ética na qual as pessoas sejam tratadas da forma mais justa, igualitária e livre para assim estabelecer e reconhecer diferenças.

Hoje continuamos a ter movimentos feministas, que em dado momento na história mudaram sua fala de "igualdade" para "superioridade", como quando o discurso passa de “devemos ser iguais aos homens” para “os homens são machistas e preconceituosos”. Mas existe uma grande diferença entre querer ter direitos iguais aos dos homens e dizer que os homens são inferiores às mulheres. Por conta disso, este estudo sobre movimentos feministas se limita ao período compreendido do século XIX para o XX.

Este trabalho está estruturado em três capítulos: no primeiro abordamos a trajetória histórica do conceito de Feminismo, partindo de diversos estudos que falam sobre a importância de entender a relação entre mulher e sociedade, conhecendo antes a história geral do Brasil na sua relação patriarcal.

No segundo capítulo, no intuito de delimitar o estudo, buscamos discutir e explicar como se configurou o panorama educacional no País, com as mudanças e adaptações do século XIX para o século XX, tendo em vista o impacto disto sobre as mulheres. Lembramos o homem como o centro das atenções até o início do século XX, passando então a dividir suas responsabilidades e privilégios com a mulher.

No terceiro capítulo damos início aos comentários sobre Nísia Floresta, sua origem e luta, a fim de posicionar a mulher na conquista de um espaço dominado pelo homem. Procuramos mostrar como Nísia Floresta se empenhava em dar respostas às questões relacionadas à distinção de gênero, bem como à sua iniciativa de causar mal-estar ao conservadorismo patriarcal. E ainda prosseguia em sua luta pela libertação dos escravos.

Como nossa história nunca foi narrada, de um modo geral, do ponto de vista da população, nos livros didáticos a história das mulheres, como a dos negros, índios e pobres sempre foi um relato inexistente. Por isso, quem folhear obras adotadas em nossas escolas não encontrará nelas sequer uma palavra sobre mulheres como Nísia Floresta, nordestina que no século XIX colocou sua capacidade literária para combater a escravidão, defender os índios e a educação.

Pensando na emancipação feminina, Nísia Floresta fundou um colégio só para meninas e tornou-se a primeira mulher a defender publicamente as ideias de igualdade de gênero no País. No entanto, Nísia, como tantas outras lutadoras, é uma desaparecida em nossa história.

2. A MULHER INTELLECTUAL NA SOCIEDADE PATRIARCAL BRASILEIRA

Com relação a gênero, igualdade e conquistas, deu-se início a movimentos feministas no século XIX, os quais tiveram um papel fundamental para a confirmação de que existe diferença entre os gêneros no País. As conquistas efetivaram-se e ao mesmo tempo foram muito válidas para a sociedade, com grande participação feminina, o que contribuiu de maneira essencial para a reversão dessas desigualdades.

Leskine avalia que “o progresso se fazia de mudanças que influenciavam na facilitação da vida cotidiana e as mulheres eram instruídas no sentido de cumprirem o papel ideal de esposa e mãe”.(2014, p. 40).

Contudo, para que se possa entender a importância da relação entre mulher e sociedade, é preciso conhecer a história geral do Brasil na sua relação patriarcal. As mulheres começaram a romper com a tradição que lhes eram impostas por um longo período, pois a divisão do trabalho era feita de modo que ficassem responsáveis pelo lar e pela geração dos filhos, e aos homens eram atribuídas as atividades sociais e produtivas, isto é, o trabalho formal assalariado.

Os índices de mortalidade materna e infantil eram elevados, ocasionando uma redução da população. Em consequência disso, a sociedade se organizava para manter altas taxas de fecundidade. As mulheres eram obrigadas a ter um grande número de gestações em todo o seu período fértil, fazendo com que seu tempo fosse todo dedicado à criação dos filhos e aos afazeres domésticos.

A sociedade patriarcal, obedecendo aos dogmas estabelecidos pela Igreja, atribuía um papel subalterno às mulheres, ratificando uma diferenciação e estabelecendo padrões de conduta social nos quais as pessoas se alicerçavam. Havia, no que diz respeito à sexualidade, por exemplo, um padrão de moralidade pelo qual os homens tinham absoluta liberdade e às mulheres cabia o papel de organização da casa e a responsabilidade de cuidar dos filhos. Assim, não podemos desvincular a mulher do aspecto familiar e doméstico.

Ademais, durante o período colonial as brasileiras enfrentavam vários preconceitos e viviam em isolamento, com restrições a conhecimentos, à educação e ao trabalho fora de casa. As negras, por exemplo, mesmo após sua alforria, eram

excluídas da sociedade em relação ao trabalho. E os homens eram os provedores, cabendo-lhes as melhores oportunidades na educação e no trabalho.

Sabemos que algumas mulheres tiveram uma participação ativa no processo de Independência do Brasil, porém com pequena ênfase a destaques na história. Um exemplo foi Hipólita Jacinta, que escreveu e enviou ao padre Toledo, por intermédio de seu compadre Vitoriano Gonçalves Veloso, um bilhete que dizia, conforme Coelho:

Dou-vos parte, com certeza, de que se acham presos, no Rio de Janeiro, Joaquim Silvério dos Reis e o alferes Tiradentes, para que vos sirva ou se ponha em cautela; e quem não é capaz para as coisas, não se meta nelas; e mais vale morrer com honra que viver com desonra. (2002, p.68).

Telles reforça que Hipólita Jacinta:

... ao perceber que o movimento para livrar da prisão Joaquim Silvério dos Reis e o alferes Tiradentes estava fracassando, insistentemente tentou alertar o coronel Francisco de Paula Freire de Andrade e realizou algumas reuniões secretas para acabar com a exploração contra os que ela achava que eram os oprimidos. (1986,p.87).

Scout, sobre o mesmo assunto, diz que “na insistência pela Independência destaca-se a figura de Bárbara Alencar – base e cerne da organização da rebelião familiar”. (1999,p.77). Foi presa em um calabouço e conta-se que durante anos gritou que “não queira ser rainha, não! Queria ser rei!”

Figura 1 - O calabouço.



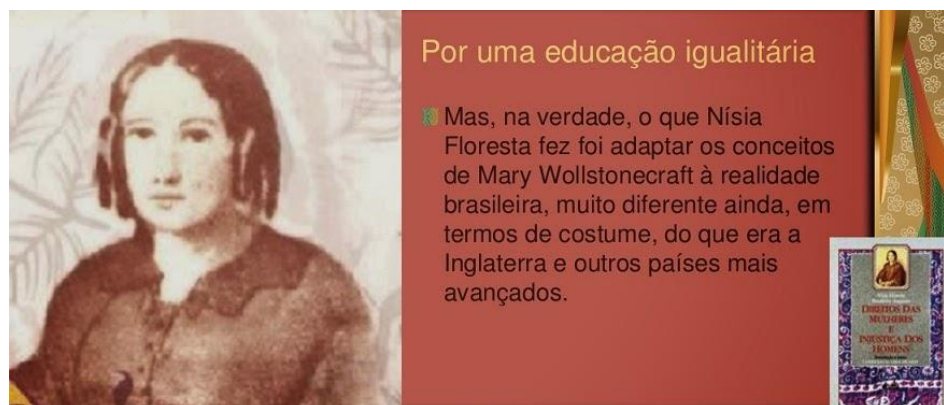
Fonte: (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Scout prossegue sinalizando que “outras mulheres participaram dessas reivindicações, e uma em especial é Maria Quitéria de Jesus, que lutou nos batalhões nacionalistas nas guerras da Independência”. (1999,p.31).Existem relatos de que ela ficou à frente de um batalhão de mulheres e o comandou.

Algumas mulheres começaram a se manifestar por seus direitos de acesso à educação igualitária. Todavia, elas somente puderam se matricular em estabelecimentos de ensino em 1827, após a assinatura de D. Pedro I na primeira legislação relativa ao acesso de mulheres às escolas, mas apenas às escolas elementares. Com várias reivindicações cada vez tomando mais força, o direito de as mulheres cursarem uma faculdade só foi conquistado 52 anos depois. E em 1887 o País formaria sua primeira médica, a gaúcha Rita Lobato Freitas.

As educadoras sempre ganhavam menos que os homens e as que lutavam contra esta situação eram rigorosamente punidas, como foi o caso da professora Maria da Glória Sacramento, que teve seu salário suspenso por não ensinar afazeres domésticas às meninas.

Figura 2- Nísia Floresta, a primeira mulher brasileira a defender publicamente a libertação feminina.



Fonte: (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Em 1838, recém-chegada à Corte, Nísia Floresta, pioneira na luta por alfabetização e inserção de meninas e jovens na educação, fundou uma escola inovadora na cidade do Rio de Janeiro, o Colégio Augusto, que foi o marco na história da educação feminina no Brasil. Também foi uma das primeiras mulheres a publicar artigos em jornais de grande circulação no País.

A escola situava-se na mesma Rua do Paço Imperial, a Rua Direita, centro da Capital Federal. Essa instituição de ensino propunha uma pedagogia diversa das que vinham sendo aplicadas até aquele momento. Era voltada para a educação feminina e adotava como prática pedagógica o ensino de disciplinas, que até então estavam reservadas aos homens. Esses avanços pedagógicos não foram bem aceitos pela sociedade imperial, que achava desnecessário que as mulheres aprendessem qualquer coisa alheia ao universo doméstico.

Os melhores colégios da Corte não abriam espaço para a educação feminina, como o caso do Colégio Pedro II, fundado sessenta dias antes do Colégio Augusto, que proporcionava uma educação exemplar aos seus alunos.

A educação durante a monarquia estava ligada ao desempenho dos papéis sociais. Enquanto a educação masculina era direcionada ao exercício da cidadania e das funções públicas, a educação feminina voltava-se às funções familiares e à maternidade.

A sociedade era pensada a partir da célula familiar e a vida social funcionava como uma ampliação da vida doméstica. No quadro das relações sociais patriarcais, aos homens cabia formar e dirigir os núcleos familiares através da procriação, sustentação e proteção, sendo o administrador dos espaços privados e públicos, do micro ao macro espaço sócio-político-econômico.

Andrade afirma: “Às mulheres cabia o papel de reprodutoras da linhagem das famílias e zeladoras do lar; o lugar da mulher era o de esposa e mãe no âmbito doméstico e familiar, e, de forma complementar, de dama da sociedade.”(1999, p. 140).

Assim, na visão daquela sociedade, não havia motivo para dar à mulher uma educação equivalente à masculina, já que seus papéis sociais eram muito diferentes. Se a mulher fosse educada para desempenhar bem os papéis que lhe cabiam: de esposa, mãe e dama da sociedade, seria suficiente para ser considerada uma mulher instruída, enquanto o homem deveria receber uma educação que lhe possibilitasse dominar os meios sociais, políticos e econômicos.

Sobre a forma limitada como a mulher era educada, sempre voltada para o modelo tradicional estabelecido pela sociedade patriarcal, Andrade considera:

A educação dos meninos brancos das elites e dos setores intermediários ocorria no espaço público social, aberto e voltado para a formação do cidadão e para a preparação profissional. A educação das meninas brancas das elites ocorria no espaço privado, isto é, em oposição ao público, sendo voltada para a formação da “rainha do lar e da mãe de família”, como uma forma de refinamento dos costumes sociais. Ler e escrever bem em português, falar francês, declamar, conhecer música, saber dançar, receber com elegância e fazer trabalhos de agulhas tornava as moças “cultas e prendadas” e preparadas para o casamento e para a vida em sociedade. É importante destacar que a instrução feminina não representava e/ou levava, como regra geral, à emancipação da mulher, daí o acesso feminino cortado ao Imperial Colégio, padrão do ensino oficial masculino. (1999, p. 139).

O objetivo de educar a mulher era apenas o de prepará-la para o bom desempenho da vida doméstica, pois naquele momento não se cogitava de conquistas sociais. Até mesmo Nísia Floresta, que se preocupou com a educação feminina durante toda a sua vida, acreditava que a mulher deveria ser educada, antes de tudo, para que pudesse educar seus filhos de modo satisfatório, embora acreditasse também na capacidade das mulheres de assumir responsabilidades que naquele momento eram exclusivas do sexo masculino:

Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência. [...] Eu digo mais, não há ciência, nem cargo público no Estado, que as mulheres não sejam naturalmente próprias a preenchê-los tanto quanto os homens. (1989, pp. 52 - 73).

Mas, apesar de não sugerir uma revolução imediata nos costumes, Nísia fundou um colégio voltado exclusivamente para a educação feminina, e sua proposta pedagógica inovadora permitia às meninas o aprendizado de ciências, até então reservado apenas aos meninos. Dentre as inovações, destacamos o ensino do latim, francês, italiano e inglês, com suas respectivas gramáticas e literaturas; o estudo da Geografia e História do Brasil; a prática de Educação Física e a limitação do número de alunas por turma, como forma de garantir a qualidade de ensino.

Para a sociedade da época, o que Nísia ensinava às meninas não passava de inutilidades, pois se acreditava que à mulher bastaria a alfabetização. Às meninas só se ensinava a ler, escrever, contar, os trabalhos domésticos e os de agulha. O ensino do latim era considerado indispensável aos meninos da elite, mas as meninas não deveriam ter acesso a esse tipo de cultura. Se este era o modelo vigente de educação feminina, podemos considerar que o Colégio Augusto foi

pioneiro e inovador em sua pedagogia, que propunha uma educação para a mulher no nível dos melhores colégios masculinos da Corte.

Outra preocupação de Nísia era com o número inferior de meninas na escola, em relação ao número de meninos. Ela afirmava que havia cinquenta e cinco mil estudantes no Império, sendo que pouco mais de oito mil deles eram do sexo feminino.

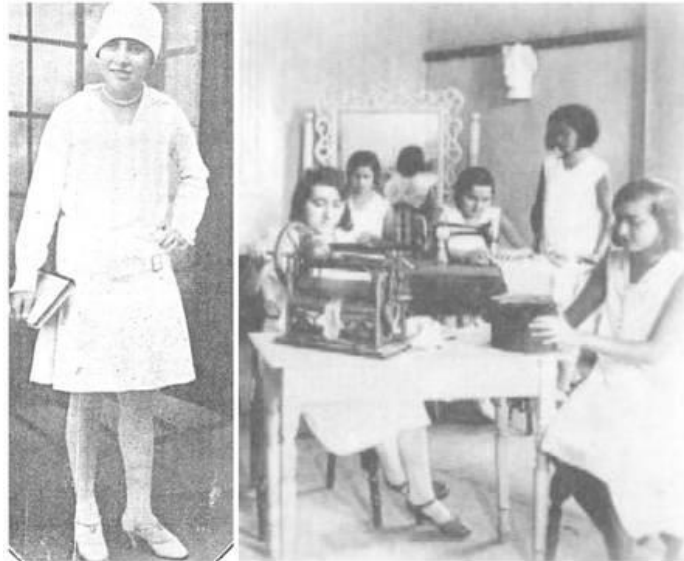
Essa situação é perfeitamente compreensível se considerarmos as adversidades que cercavam a questão, como o desinteresse das autoridades em proporcionar uma educação igualitária por conta da condição social que envolvia a figura da mulher, considerada um ser reprodutor que não carecia de conhecimentos que ultrapassassem as necessidades do universo doméstico. Além da falta de qualidade, havia ainda a limitação quantitativa de escolas que atendiam ao público feminino e, conseqüentemente, com inferioridade no número de alunas.

Outro grave problema atingia a educação feminina: somente professoras poderiam lecionar para as meninas e o salário dessas profissionais era inferior ao dos professores do sexo masculino. Em 1827 foi criada a primeira lei de instrução pública do Brasil. Apesar de sua concepção de educação feminina relacionar o aprendizado da mulher ao seu papel de esposa e mãe de família, temos que reconhecer que foi um avanço para a educação feminina, pois oficializava o ensino das primeiras letras para a mulher. E a justificativa de educar as mulheres vinha muito clara no texto da lei:

As mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas. (apud PRIORI, 1997, p. 447).

Considerando a realidade educacional do Brasil Império, a qualidade do ensino no Colégio Augusto fica evidente. Sua pedagogia inovadora propunha o ensino de disciplinas que, na maioria das vezes, não eram ensinadas nem mesmo ao sexo masculino. Se o compararmos ao tradicional Colégio Pedro II, verifica-se que, apesar de eles serem equivalentes no tocante ao pioneirismo das disciplinas ensinadas, o Colégio Augusto deu às mulheres a possibilidade de aprendê-las oitenta e oito anos antes de o Colégio Pedro II começar a admiti-las entre seus alunos.

Figura 3 - Alunas da Escola Doméstica de Natal.



Fonte: (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

A Escola Doméstica de Natal foi fundada em 1º de setembro de 1914 pelo poeta Henrique Castriciano. Ele sempre teve a consciência da importância das mulheres na sociedade. Essa conquista da Escola Doméstica foi cópia de um modelo adotado na Suíça.

Nísia Floresta sustentava que a ideia de valorização do sexo masculino na sociedade possuía um vínculo com a educação e as imposições. Entendia que as diferenças entre os sexos eram construções sociais que não justificavam a desigualdade. Duarte concorda e considera “a noção de gênero como uma construção sociocultural”.(2003,p.54).

Nísia Floresta postulava que a educação seria o primeiro passo para a libertação da mulher. Ela traduziu e publicou o livro “*Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens*”, manifesto feminista de Mary Wollstonecraft. Duarte esclarece:

... É também o primeiro no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e a exigir que elas fossem consideradas inteligentes e merecedoras de respeito. [...] deve, ainda assim, ser considerado o texto fundante do feminismo brasileiro. (DUARTE, 2003,p.44).

Para Nísia, essa supremacia do sexo masculino tinha origem na cultura europeia, mais especificamente na portuguesa. Dizia não existir diferença entre os sexos masculino e feminino: “só são diferentes no corpo físico, mas não o são na alma e no conhecimento, que provêm da educação”. E no dizer de Duarte: “os homens se beneficiam com a opressão feminina, e somente o acesso à educação permitirá às mulheres tomarem consciência de sua condição de inferioridade” (1989,p.19).

Nísia Floresta foi militante pelos direitos da libertação das mulheres na sociedade patriarcal, mas não limitou suas ações a essa questão, visto ter-se envolvido também em discussões sobre a escravidão, direitos dos indígenas e outras causas sociais.

De volta ao Brasil após uma temporada na Europa, ela apoiou os movimentos abolicionistas e republicanos. Já com o desenvolvimento da industrialização, grandes mudanças se pronunciavam no Brasil. A partir de 1850 foi proibido o tráfico negreiro e acelerou-se a luta pela libertação dos escravos, da qual muitas mulheres participaram ativamente.

Figura 4 -A luta pela liberdade dos escravos.



Fonte: (EXPOSIÇÃO DA OBRA DE RAIMUNDO CELA NA FAAP, 2016).

Só muito recentemente a causa da resistência feminina começou a ser desvendada pela historiografia, como foi pelo historiador e pintor Raimundo Cela. Telles explicita:

...Por volta do ano de 1860, algumas mulheres brasileiras organizaram movimentos abolicionistas, que só de vez em quando recebiam alguma atenção da imprensa da época: a Sociedade de Libertação, a Sociedade Redentora, e a Ave Libertas, a maior organização abolicionista feminina do País, criada em 1884, no Recife. De onde se proliferou para o Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Amazonas. (1986,p.77).

As movimentações do ativismo abolicionista feminino iniciaram um processo de mudanças para a sociedade em geral, fazendo dessa forma a inserção das mulheres brasileiras na política, coletivamente e de maneira inédita.

Os movimentos feministas tiveram um grande início pela exposição da imprensa feminina que apareceu no Brasil por volta do final século XIX. Com o passar do tempo, a urbanização começou a surgir na relação com a economia, e a política deu espaço a idéias novas que incluíam a mulher e sua participação na sociedade.

O jornalismo feminino brasileiro propiciou às mulheres a oportunidade de publicarem suas matérias, fazendo com que formassem uma relação de solidariedade em suas publicações. Primeiramente surgiu *O Jornal das Senhoras*, que veio a público em 1852, editado por Joana de Paula Manso. Esse jornal orientava as mulheres sobre suas necessidades e capacidades, embora enfatizasse que o papel principal da mulher seria sempre o de satisfazer seu marido com seu papel de esposa.

Em São Paulo, no jornal *A Família*, por exemplo, a grande maioria das publicações foi de Josefina Álvares de Azevedo, que prescrevia que somente por meio da educação completa a mulher mais intelectual poderia inserir sua condição de cidadã na sociedade, e defendia o direito ao divórcio, assim como as campanhas pelo voto feminino.

Entretanto, outros jornais escritos por mulheres intelectuais circulavam na cidade de São Paulo, como: *O Bello Sexo* (1862); *O Sexo Feminino* (1873); *O Domingo* e o *Jornal das Damas* (1874); *Myosotis* (1875); *Echo das Damas* (1879), entre outros. Todos eles reforçavam a importância da educação feminina mesmo que, inicialmente, a educação ainda fosse estigmatizada pelos valores familiares e a obrigação das funções de esposa e mãe.

Telles reforça que nesse período existia limitação na tiragem de cópias: “A despeito das limitações de tiragem, a imprensa feminina firmou a idéia de que a educação era fundamental para o progresso do País e para a emancipação das mulheres.” (1986,p.30).

Para as responsáveis pelos movimentos feministas no Brasil, tanto quanto para as européias ou as norte-americanas, a educação escolar era a forma de conscientizar as mulheres sobre a subjugação masculina.

Com esse desenvolvimento, a educação ofertaria a liberdade e a autônima às mulheres a fim de inseri-las e prepará-las para o mercado de trabalho. Essa educação formal e profissional, exigida pelas mulheres, dar-lhes-ia uma independência financeira e assim, a possibilidade de saírem da dependência dos maridos.

Os movimentos feministas ingleses e norte-americanos eram muito diferentes do posicionamento das brasileiras, visto que naqueles elas primeiramente realizavam grandes movimentações em prol da adesão e participação de mulheres nos espaços públicos através do voto. Nas palavras de Abreu:

As feministas inglesas e norte-americanas promoveram verdadeiras batalhas urbanas pela conquista do voto. O mesmo não ocorreu, por exemplo, com as portuguesas e brasileiras, que adotariam um discurso emancipatório ameno... As brasileiras alinharam seus discursos ao ideário republicano, no qual a mulher deveria ser instruída para a formação de cidadãos responsáveis pelo desenvolvimento nacional. Assim, ao contrário dos confrontos ingleses, as feministas do Brasil argumentaram e convenceram homens e mulheres que a educação feminina só traria benefícios à sociedade, uma vez que não seriam mais reprodutoras incultas, e sim alicerces confiáveis do lar cristão e patriótico, responsáveis pela segurança, harmonia e perenidade. (2002, p.13).

As feministas da classe alta, que tinham acesso à imprensa local, denunciavam a dominação sofrida por mulheres e divulgavam seus direitos. Esse processo de denúncia contra o preconceito de inserção na sociedade patriarcal saiu do anonimato, tomando conta de jornais e periódicos destinados à população.

Mas tais reivindicações e denúncias não foram aceitas espontaneamente; ocorreu resistência tanto de mulheres quanto de homens que idealizavam o “belo sexo”. Ao mesmo tempo, surgiam artigos que criticavam as feministas revolucionárias (inglesas e norte-americanas). Às feministas foram escritas críticas aos seus hábitos cotidianos, como afirma Abrandes: “[...] o uso de calças, o corte dos cabelos, o hábito de fumar”. (2006,p.12).

Contudo, o intuito era defender a educação feminina, não pensando em competir com os homens e sim pensando em um mundo em que homens e mulheres estivessem juntos num mesmo propósito. Com o tamanho da proporção dessas reivindicações, muitos homens aderiram ao movimento, defendendo os direitos femininos desde que as mulheres não se esquecessem de seus papéis dentro do lar. Assim, essas novas mudanças sociais não ameaçaram a hegemonia do sexo masculino.

Não obstante, algumas feministas, imaginando as consequências dessas mudanças, acreditavam que o acesso e o excesso de conhecimentos e oportunidades atrapalhariam a vida das mulheres. ABREU declara: “que não haja temores vãos: a mulher ficará no lar, sempre que possa fazê-lo, porque é essa a sua tendência natural”. (2000, p.18). Mas complementa: “as mulheres continuariam cumprindo seus papéis de esposas e mães, ao mesmo tempo em que possuiriam uma profissão”. (2002, p.77).

2.1.Mulheres Sufragistas do Brasil

O principal foco da militância de Nísia Floresta sempre foi a defesa dos direitos femininos, principalmente a defesa do direito ao acesso à educação. Foi essencialmente a esta luta que ela dedicou sua vida e seu trabalho, como educadora e escritora. Desde sua estréia na literatura em 1831, no jornal *Espelho das Brasileiras*, de Pernambuco, Nísia escrevia sobre a condição feminina em diversas culturas antigas:

...seria impossível abranger nos limites dessa folha todas as ações ilustres praticadas pelas senhoras romanas, nessa época feliz; todavia é do nosso dever citar para honra do sexo feminino e confusão de seus injustos detratores, os principais feitos dessas verdadeiras heroínas, cujo patriotismo provou a que ponto as mulheres, sem jamais se intrometerem na repartição

dos homens, podem ser úteis nas crises que ameaçam a segurança do Estado. (apud DUARTE, 1995, p. 23).

Da mesma forma que aconteceu em outros países, o movimento das sufragistas foi o primeiro movimento feminista politicamente organizado entre as mulheres e teve suas raízes na luta iniciada no século XIX pelas abolicionistas. Em uma das suas reivindicações, sua grande luta era o direito ao voto.

No período do Império, alguns políticos tentaram legalizar o voto feminino, com ou sem o consentimento do marido. Inicialmente, na Constituição Republicana de 1889, uma medida provisória deu direito ao voto feminino, mas na sua última versão essa medida provisória foi abolida, predominando a idéia de que a política era uma atividade desonrosa para a mulher.

Em 1891, quando foram tratados temas para elaborar a primeira Constituição Republicana, um dos assuntos abordados foi a efetivação do voto feminino. A idéia de liberdade de voto das mulheres não foi excluída, mas na mentalidade dos constituintes não existia a mulher como um indivíduo dotado de direitos. Dessa forma, o texto final para a aprovação do voto acabou não deixando clara a situação política da mulher, o que fez com que muitas mulheres requeressem, sem sucesso, o alistamento.

É forçoso mostrar que o direito do voto não deve ser visto apenas por meio da vertente positivista, como um conjunto de normas jurídicas aplicadas no tempo e espaço. O direito de votar pode ser compreendido como um processo histórico, conforme leciona Ihering:

A Luta pelo Direito, [...] a paz é o fim que o direito tem em vista, a luta é o meio de que se serve para o conseguir. A vida do direito é uma luta: luta dos povos, do Estado, das classes, dos indivíduos. Assim, [...] o direito não é uma pura teoria, mas uma força viva. (1999, p.44).

Portanto, esse processo histórico permitiu a interpretação que a sociedade tinha da mulher e sua inserção na política. Teles observa:

O deputado Tito Lívio afirmou que as mulheres tinham “cérebros infantis” e seriam portadoras de uma “inferioridade mental” e um “retardo evolutivo” em relação aos homens. Lacerda Coutinho, por sua vez, disse que “as mulheres tinham funções (biológicas) que os homens não tinham e essas funções eram tão delicadas (...) que bastava a menor perturbação nervosa, um susto, um momento de excitação, para que elas se pervertessem. (1983,p.50).

As mulheres intelectuais da época lutaram para tentar romper com esse pensamento. Ao longo dos anos, diversas mulheres de várias regiões do País tentaram alistar-se como eleitoras. E em 1910, de tanta negação pela parte patriarcal masculina, algumas mulheres de pensamento avançado formaram o Partido Republicano Feminino. Mesmo sendo bem pequeno, o partido mostrava o grau de consciência e organização atingido pelas brasileiras no início do século XX.

Para Miranda, “o Partido Republicano Feminino foi um movimento pioneiro na luta das mulheres brasileiras a favor do voto feminino e sua inserção na política”. Dentre suas estratégias políticas de mobilização e convencimento promoveu, em novembro de 1917, uma marcha pelas ruas do Rio de Janeiro com a participação de cerca de noventa mulheres. (2009,p.23).

Muzart atesta que “a rebeldia de Leolinda Daltro e de suas companheiras chamou a atenção da imprensa, provocou polêmica e deu visibilidade à condição feminina no Brasil”.(1999, p.65).Ela também foi a primeira feminista brasileira candidata a uma eleição municipal, em 1919, com a plataforma da diminuição da miséria e do sofrimento e pela melhor distribuição da justiça. Entretanto, conforme Silva:

...ela teve seu registro negado. A movimentação do grupo do Partido Republicano Feminino só pôde ser reconstituída através do eco de suas ações junto à imprensa, especialmente as manifestações de repúdio às iniciativas de Leolinda e de suas colaboradoras. (2010, p.67).

Com esse fato, alguns indivíduos ficaram satisfeitos com o ingresso de mulheres no serviço diplomático, mas também houve os que se manifestaram contrários à admissão de mulheres no Itamarati.

O mais impressionante, Telles explica,foi que “o militar invocou o exemplo, *pernicioso*, de Leolinda Daltro, como mostra de ativistas que desejavam masculinizar

o belo sexo”.(2010, p.23). Preocupava-o, principalmente, saber qual o efeito sobre a hierarquia familiar se tais exemplos se multiplicassem.

Outra batalhadora pelos direitos das mulheres no Brasil foi Bertha Lutz, uma grande feminista na defesa do sufrágio feminino. Ela e Leolinda Daltro, apesar de ambas serem feministas e contemporâneas, atuaram de maneiras totalmente diferentes na luta pelo sufrágio universal e na participação política.

Coelho diz que Bertha Lutz era filha de estrangeiros de elevada escolaridade; seu pai foi um dos mais importantes cientistas brasileiros, Adolfo Lutz. Educada na Europa, retornou ao Brasil em 1918, após concluir o curso de Biologia na Sorbonne. (2003,p.49).

Quando Bertha retornou ao Brasil, em 1918, encontrou um País onde a mulher não dispunha de direitos políticos, embora um conjunto cada vez mais expressivo da população feminina se enquadrasse no requisito mínimo para a cidadania: a educação formal. Na influente *Revista da Semana* ela escreveu:

As mulheres russas, finlandesas, dinamarquesas e inglesas (...) já partilham ou brevemente partilharão do governo, não só contribuindo com o voto como podendo ser elas próprias eleitas para o exercício do Poder Legislativo (...). Só as mulheres morenas continuam, não direi cativas, mas subalternas (...). Todos os dias se leem nos jornais e nas revistas do Rio apreciações deprimentes sobre a mulher. Não há, talvez, cidade no mundo onde menos se respeite a mulher.(LUTZ, apud PINTO, 2003,p.41).

Para Coelho, “a sociedade brasileira estava vivendo um momento de grande efervescência política, com o crescimento do civilismo e a indignação com o modelo eleitoral viciado e excludente”, e as palavras de Bertha Lutz encontraram bom respaldo na sociedade. (1993, p.7).

Na expressão de Cardoso, Bertha Lutz foi a primeira personalidade feminista brasileira com expressão nacional e internacional que se interessava pelo pensamento precursor de Nísia Floresta relacionado à educação. Entre os seus objetivos estavam:

Assegurar à mulher os direitos políticos que a nossa Constituição lhe confere e estreitar os laços de amizade com os demais países americanos a fim de garantir a manutenção perpétua da paz e da justiça no Hemisfério Ocidental. (1981,p.34).

Acontece que a primeira proposta de Código Eleitoral feita pelo governo provisório de Getúlio Vargas ainda limitava o voto feminino. Cardoso afirma que “só

poderiam votar as mulheres solteiras e viúvas acima de 21 anos e as casadas apenas com autorização dos maridos”. (1981,p.35).

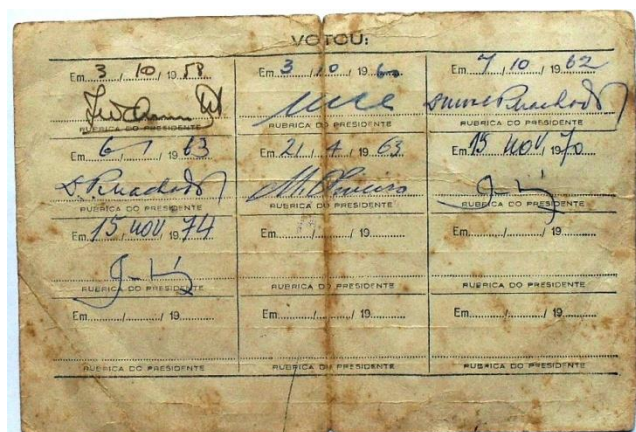
As líderes feministas se encontraram pessoalmente com o próprio Getúlio Vargas e tiveram suas reivindicações atendidas. O novo Código Eleitoral, promulgado em 1932, garantiu às mulheres o direito de votar e de serem votadas.

Figura 5 - Título de eleitor de Bertha Lutz.



Fonte: PROJETO MEMÓRIA, 2016.


Figura 6–Comprovante do voto da mulher.



Fonte: PROJETO MEMÓRIA, 2016.

Figura 7–Modelo de título de eleitor da mulher.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



TÍTULO DE ELEITOR

—
1ª VIA
—

DISTRITO FEDERAL

Rio — Imprensa Nacional — 1933

Exercício do voto	Transferências
Em 3 de <u>1933</u> de 1933 Presidente da Mesa Eleitoral	<i>Transferências</i> <i>1933</i>
Em 14 de <u>1933</u> de 1933 Presidente da Mesa Eleitoral	
Em de de 1933 Presidente da Mesa Eleitoral	
Em de de 1933 Presidente da Mesa Eleitoral	
Em de de 1933 Presidente da Mesa Eleitoral	
Em de de 1933 Presidente da Mesa Eleitoral	

Fonte: PROJETO MEMÓRIA, 2016.

Figura 8 –Cumprimento do despacho validando o título de eleitor da mulher.

N. 3199
(Dado no Tribunal Regional)

TITULO DE ELEITOR

DISTRITO FEDERAL

1.ª zona Eleitoral

Domicílio eleitoral Sacramento

Número de ordem da inscrição 4248

Data da inscrição no cartório 18-1-1933

NOME E SOBRENOME DO ELEITOR (por extenso)
Bertha Maria Julia Lutz

Filiação A. Coelho Lutz

Naturalidade São Paulo, Capital do Estado

Idade 38 anos — Data do nascimento 2 de Agosto de 1894

Qualificativos

Estado civil Solteira

Profissão Funcionaria Pública

Bertha Maria Julia Lutz
ASSINATURA DO ELEITOR

O presente título é expedido de acordo com o Código Eleitoral da República e em cumprimento ao despacho do Presidente do Tribunal Regional de Justiça Eleitoral do Distrito Federal e recebeu o número _____ aos _____ dias do mês de _____ do ano de mil novecentos e trinta e _____

Director da Secretaria

Cartão

Polegar direito

Formula da Microscopia

Fonte: (PROJETO MEMÓRIA, 2016).

Certeau, em uma de suas pesquisas, diz que “essa prerrogativa seria exercida pela primeira vez na eleição da Assembleia Nacional Constituinte de 1934.” (1982, p. 23). Assim, o Brasil se tornou o quarto País da América a estabelecer o voto feminino. Antes dele apareciam o Canadá, Estados Unidos e Equador.

Coelho reforça que “esse foi um fato inédito na história política brasileira, em que a Constituição de 1934 iria estabelecer claramente, sem ambiguidade, o direito de voto para as mulheres”. (1993, p. 19).

Bertha assumiu sua vaga na Câmara dos Deputados em 1936.

Embora a mulher fosse submetida a regras de competição eleitoral, a questão sucessória na FBPF (Federação Brasileira do Progresso Feminino), esteve atrelada à figura carismática de Bertha Lutz. Para Scott, “com grande eficiência conseguiu

atingir a principal meta que havia estabelecido para a sua organização: a conquista do sufrágio feminino”.(1999,p.60).

No entanto, é possível que essa atitude talvez representasse uma estratégia política de impedir o enfrentamento a questões de natureza comportamental, ao mesmo tempo em que se evitava questionar os padrões de conduta socialmente esperados das mulheres.

Para Hahner, “os anarquistas, força hegemônica até meados da década de 1920, negavam a importância da atuação política institucional e não se incorporaram na luta pelo sufrágio universal, que consideravam improcedente”.(1981,p.77). O próprio Partido Comunista, recém-criado, ainda padecia de certo *obreirismo* e pouquíssima inserção junto às mulheres, mesmo as trabalhadoras.

A década de XX foi privilegiada no que diz respeito às lutas e propostas de mudanças no País. Certeau lembra que “a República dos coronéis não dava mais conta da ebulição social e política existente”. (1982,p.15).

Alguns fatos dessa época foram importantes para o avanço da luta das mulheres, entre outros, as greves de 1917, e em 1922, o surgimento do Partido Comunista do Brasil.

Mas Leite questionou temas enfocados pelas mulheres da FBPF: a maternidade consciente, o amor livre e o direito da mulher ao amor. Além disso, considerava o voto um processo inadequado de luta pelo poder porque beneficiava algumas mulheres “sem trazer coisa alguma à multidão feminina”. (1984,p.38).

Sabemos que em uma democracia representativa o poder conferido à autoridade para agir em nome de alguém se dá por meio de eleições, ou seja, o mecanismo eleitoral é compreendido como uma forma de autorizar uma ação. Nesse sentido, tal mecanismo de renovação se realiza em períodos determinados, o que significa que a autoridade tem o seu reconhecimento limitado a um período e que qualquer cidadão inserido no modelo democrático tem direito ao voto.

3. ATUAÇÃO DAS MULHERES NA CONQUISTA DE DIREITOS SOCIAIS E POLITICOS NO BRASIL

As razões de grandes expectativas das mulheres se dava pela possibilidade de conhecimentos adquiridos com a inserção na educação escolar. A primeira defensora dos direitos das mulheres no Brasil foi Nísia Floresta. Segundo Constância Duarte, “a adesão de Nísia Floresta ao positivismo foi apenas parcial e esbarrou no feminismo, embora ambos defendessem a elevação do nível de instrução para mulheres”. (2002, p.39).

Mas nessas mudanças ainda existiam inúmeras mulheres que se sujeitavam a uma vida submissa, pois no País havia um alto nível de analfabetismo. O Brasil rural/escravo estava progredindo para as práticas capitalistas e esse modelo trazia a essência do papel definido da família, onde sempre a figura central era o homem. Para a historiadora Mary Del Priore:

No passado, a noção de família se alterava conforme os grupos sociais e regiões do País. Os escravos forros viviam de um jeito; o poderoso da elite senhorial, de outro. O que não variava era o hábito, muito comum: o homem sempre com o seu papel principal. (2006, p.54).

Percebemos que mesmo com os passar de séculos a estrutura da vida familiar permanecia na inércia, sendo evidente que o mundo era mesmo dos homens.

Tal personagem masculino era do dominador em seu papel e funções: tratado com todas as mordomias e tido como um ser superior dentro do lar; e não somente o pai desempenhava essa função, os irmãos mais velhos tinham também seus privilégios em relação aos irmãos mais novos. A família, onde o homem impunha todo o respeito, deixava então de ser uma forma predominante e dominadora de constituição social e política, tendo assim o controle absoluto da sociedade.

Figura 9 - Homem como o centro das atenções.



Fonte: (PROJETO MEMORIA,2016).

Quando a família ia à igreja, o comportamento do homem patenteava sua posição: ele jamais beijaria, por exemplo, a mão do padre, algo que era de responsabilidade e obrigação da mulher e das filhas.

À medida que o tempo passava, grandes casas iam desaparecendo e sobrados urbanos começavam a surgir com a urbanização, bem como estava se transformando o papel patriarcal da família e tornando mais aberta a relação entre marido e mulher, mas sem tirar os privilégios do homem da casa.

Todavia, muitas mulheres não gostavam dessa situação. Elas sabiam que tinham muito mais aptidões e conhecimentos para se submeterem aos caprichos dos homens. Nessa circunstância, Nísia Floresta exerceu um papel fundamental e ousou expressar sua opinião. O que era normal passou a ser contestado – a facilitação da posição conservadora e dominante do homem.

Para Varikas, uma outra mulher engajada na relação com mulher e educação foi Maria Graham, a partir de um estudo de gênero de forma a examinar novas “experiências históricas das mulheres, mas também analisar a dinâmica das relações de poder que as tornam possíveis e que formulam sem cessar as divisões sobre as quais está fundada a construção do gênero”. (1994, p.36).

Graham fez parte de uma geração atingida pelas transformações de um crescimento econômico e pela consolidação da cultura burguesa, sobretudo através de um novo modelo educacional, não obstante acreditasse que as mulheres deveriam ser educadas para executar seus conhecimentos dentro dos lares, no espaço doméstico. Entretanto, através de sua educação esmerada, ela pôde desenvolver uma vida profissional como escritora, ultrapassando o espaço

doméstico e sentimental reservado à mulher no século XIX, quando as mulheres tinham uma relação com a escrita mais voltada para a estética, religião e moral.

O interesse pela literatura surgiu para Maria Graham desde a infância e proporcionou-lhe certa independência e a chance de experimentar a liberdade fora do mundo do lar burguês. O prazer pela leitura de clássicos da Antiguidade grega ampliou sua educação recebida no colégio.

A construção de sua autonomia feminina iniciou-se pela educação e em seguida pelas formas encontradas de afastamento do ambiente doméstico: as viagens marítimas, os relatos de viagens. Sua emancipação e convicção feminina seriam colocadas nos seus textos, mas ao comentar sobre a vida de mulheres em regiões como no Brasil, ela esboça uma imagem negativa relacionada com a vida doméstica, com a falta de modos civilizados, e pouco ou nenhum hábito da leitura de obras clássicas.

Nísia Floresta também percebia uma sociedade nem um pouco amigável quanto à imagem da mulher. Ela interpretava bem a situação, e dentro desse contexto não aceitava a submissão e a desigualdade de gênero e a total falta de respeito com o papel feminino na sociedade.

Porém, já se começava a notar algumas mudanças em relação ao comportamento do homem e da mulher. A união matrimonial não se daria somente pela escolha do patriarca, mas pela escolha dos parceiros entre si, baseando-se em amor e romantismo, acarretando mudanças significativas no papel que cada um desempenhava.

Qual era o papel efetivo da mulher no século XIX? Fala-se de uma sociedade que valorizava o papel do homem, dando-lhe a posse e direitos sobre a mulher, fazendo dela um ser pertencente a um sexo frágil e amedrontado ante o poder que o marido exercia no lar, devendo a ele tão somente obediência e submissão.

Como visto, o Brasil passava por várias estruturas patriarcais e comportamentais. As mulheres, com suas idéias diferentes e opiniões incisivas, já davam indicadores de que estavam incomodando aqueles que eram mais conservadores. A historiadora Mary Del Priore pondera:

...com essas mudanças vinham idéias expostas em obras literárias que influenciavam as relações entre os sexos; homens e mulheres não tinham a mesma vocação e essa diferença é que fazia a felicidade de cada um. (2006, p.31).

As mulheres com menor grau de instrução, mas com dotes e conhecimentos domésticos, estavam tão acomodada se acostumadas com suas atividades, que em pleno momento de início de conquistas no século XIX não tinham nenhum comprometimento ou não se interessavam em ser defensoras das próprias ideias.

Nísia Floresta começava a explanar suas considerações e não poupava seus comentários:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós somos próprias, se não para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles, homens. Entretanto, eu não posso considerar esse raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar. (1989, p.54).

Mas quando se falava em educação para meninas, Nísia Floresta afirmava que essa sempre foi diferente para os meninos. Saffioti diz que “para as meninas índias e pobres a situação era semelhante— as escolas públicas não recebiam as descendentes indígenas.”(1966,p.65).

Louro sustenta que “no século XIX, o sexo feminino se via excluído da sociedade, sem poder opinar e participar de ações políticas”.(1993,p.83).As mulheres eram restritas ao mundo privado e conseqüentemente ficavam enclausuradas em casa, diferenciando-se do seu próprio ciclo de reivindicações feministas.

As que necessitavam de trabalho formal – o trabalho fora de casa, sofriam de preconceito à sua moral, pois os papéis na sociedade já estavam definidos como esposa, mãe e dona de casa. Mulher fora do lar, sem seus afazeres domésticos? Essa era marginalizada pela sociedade predominantemente machista.

A contextualização histórica impunha a demarcação de atividades, sendo que as públicas ficavam com o homem e as domésticas, com a mulher, que se restringia somente ao zelo do marido, dos filhos e do lar. O papel feminino era desvalorizado socialmente, ficando a mulher assim excluída dos processos não vinculados ao lar.

Por isso é que se difundiu a concepção de que seria moralmente desejável a passividade feminina ante a sua condição de submissão.

Pallares Burke, numa rica pesquisa, tornou possível a abordagem de ideias de um contexto sociocultural para outro, e elucida que isso “pode contribuir com novos elementos para o debate que antropologia e história vêm travando no Brasil sobre o tema específico da originalidade da cópia brasileira dos modelos sobretudo europeus no passado”.(2005,p.26). A autora completa e comenta a abordagem:

[...]do tratado feminista da inglesa Mary Wollstonecraft, *A Vindication of the rights of woman: with structures on political and moral subjects* (1792), pela jovem potiguar, radicada em Olinda, Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto: *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. Partindo da concepção de tradução cultural, mais uma vez abre um espaço analítico para buscar a riqueza das apropriações culturais às quais Nísia, que se autodenomina tradutora, submete o material bruto sobre o qual se debruça.(2005,p.31).

De fato, esse é um aspecto que a autora parece ignorar, uma vez que concebendo a antropologia como disciplina dedicada a tornar o estrangeiro compreensível a nós, ou seja, a atravessar fronteiras espaciais, privilegia como interlocutores os historiadores, sociólogos e estudiosos da literatura. Contudo, se levasse em conta os rumos recentes da antropologia, teria sua aproximação cada vez mais substancial com a história.

Dessa forma, de repente as idéias fortemente marcadas por sua condição de estarem fora do lugar ganham um lugar original, que se torna discernível a partir do momento em que acompanhamos Nísia Floresta e reconhecemos que os dilemas vividos individualmente refletem os anseios vividos pelas elites do contexto sociocultural específico que era o Brasil daquele momento.

É impossível comentar o trabalho feminino sem demarcar vários processos de lutas com o objetivo de conquistar o espaço dominado pelo homem, o espaço público. Segundo Saffioti:

...não havia a necessidade de excluir as mulheres deste sistema produtivo, pois o trabalho delas, em especial o daquelas das classes menos abastadas, gerava benefícios, como garantir a ociosidade das camadas dominantes. (1976,p.56).

Nos processos de mudança que começavam a ocorrer em meados do século XIX, a mulher se via diante de novos desafios, além de cuidar dos filhos. Na visão de Saffioti, a mulher “precisou se reorganizar para suas atribuições irem além do lar, pois o marido, com seu papel na sociedade, aos poucos foi perdendo a dominação dentro do lar”.(1966,p.65).

Os acontecimentos na história são exemplos de que, com os limites de conquistas ultrapassados durante séculos, as mulheres, indiferentemente das suas classes sociais e convivendo com as demandas e necessidades, viram-se a iniciar atividades em trabalhos formais, com sua inserção nos espaços públicos, que até então eram dominados pelo sexo oposto.

Saffioti argumenta que “um dos fatores mais importantes para que essa inserção acontecesse foi o nascer de um novo olhar do Iluminismo, que explicitava o poder da razão e o conhecimento científico”. (1966,p.67).

Quando na Revolução Francesa se escreveu a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, em 1789, homologavam-se os direitos universais, mas não se ponderava sobre a igualdade entre os gêneros, deixando assim mais um ponto para a participação ativa da mulher. O filósofo Rousseau preconizava que “a mulher devia ser sempre submissa ao sexo oposto e exclusivamente com uma educação oposta”.

A revolução para a evolução feminina realmente existiu. Uma das suas principais referências foi a francesa Olympe de Gouges, que em 1791 fez um panfleto com a *Declaração dos Direitos das Mulheres e da Cidadã*, que foi uma versão feminina da *Declaração dos Homens*. Ela pediu às mulheres que tivessem atitude e não aceitassem a submissão que lhes era imposta: “Ó, mulheres! Mulheres, quando deixar-vos-eis de ser cegas”?

A escritora inglesa Mary Wollstonecraft realizou manifestações contra a *Declaração dos Homens* na França. Ela era uma defensora dos direitos das mulheres. O fato de ser jornalista e tradutora ajudou-a em seus objetivos. Deslumbrada com a forma como ocorreu a manifestação de 1789 na França, escreveu a obra intitulada *Em defesa dos direitos da mulher (Vindication of the Rights of Woman)*, que deu início ao efetivo movimento feminista, indo contra exatamente aquela declaração masculina. Basicamente, a escritora defendia uma mulher não atrelada somente ao marido, filhos e afazeres domésticos.

Nessa linha de pensamento, aqui no Brasil Nísia Floresta foi considerada como a primeira pessoa a realizar “uma tradução livre” dessa obra, em seu livro *direitos das mulheres e injustiças dos homens*. É indispensável reforçar que quando realizou esse trabalho, Nísia conseguiu muitos seguidores com seu pensamento revolucionário, mas também teve muitas intrigas pela oposição. Entendia-se que a autora realizara uma cópia, chamada atualmente de plágio. Ao observar o fato, a *Revista de Literatura Brasileira* escreveu a comparação dos comentários da professora Constância Lima Duarte, em um artigo escrito por Maria Lúcia Palhares Burke na *Folha de S. Paulo* em 1995, em que ela chama a obra de Nísia Floresta de “plágio”, e contrapõe alguns pontos primordiais para entendimento da tradução do livro de Wollstonecraft. Inicialmente, nas palavras de Duarte:

...é um equívoco tentar ler e julgar hoje, a partir de uma perspectiva redutora e ingênua, algo que foi escrito há cerca de 160 anos (...), naturalmente submetido a outros parâmetros, outros conceitos e procedimentos intelectuais. (2001,p.67).

Para ela, pessoas que lessem o trabalho deveriam observar as palavras escritas sem qualquer desconfiança, onde na própria a capa de seu livro, Nísia Floresta deixou explícito: “traduzido livremente do francês para o português da obra de Mistriss Godwin”. Isto caracteriza frutos para pesquisas, pois Nísia Floresta tinha total capacidade de continuar o trabalho na luta pelo espaço feminino.

Nos estudos foi visível perceber que a sociedade ocidental enxergava o sexo feminino sempre com um olhar inferiorizado, e só valorizava a mulher que fosse submissa ao homem.

De acordo com Besse, em um determinado período no Brasil, “a Lei Civil reforçava esta submissão das mulheres aos homens com relação ao matrimônio. Fazia das esposas eternas subalternas e desta forma elas não poderiam tomar nenhuma decisão, já que seu responsável era o marido”. (1999,p.18).

Pelas palavras de Goldemberg e Toscano:

O movimento feminista, enquanto ação organizada de caráter coletivo que visa a mudar a situação da mulher na sociedade, eliminando as discriminações a que ela está sujeita, só vai surgir no quadro de mudanças mais profundas que marcaram a história da Europa Ocidental a partir do século XVIII. A corrida industrial, a expressão mais evidente da expansão. (1992, p.34).

Nísia Floresta, como revolucionária, não aceitou participar da sociedade patriarcal da época. Escreveu livros, quebrou barreiras ao escrever para jornais, fazendo da sua oportunidade também a chance para outras mulheres.

Rosaldo e Lamphere admitem que o “sexo feminino, pela cultura imposta, ficou sempre com a imagem de segundo sexo”.(1979,p.76). Entretanto, no decorrer das lutas e de seus movimentos feministas, as mulheres reivindicavam sair da posição imposta de segundo sexo e trabalhavam formas de tirar da mulher a imagem de uma figura só vinculada ao lar.

Esses movimentos feministas abordavam a maneira como a sociedade via as mulheres: com suas obrigações no lar sendo apenas esposas e mães, determinando assim sua limitação na inserção ao mercado de trabalho, tendo este papel exclusivo somente para o sexo masculino.

Tais movimentos foram mudando os pilares sociais, com um grande avanço em relação ao comportamento não somente das mulheres, mas também dos homens, porquanto levaram a uma análise das posições, lugares ocupados e representações dos papéis executados por ambos os sexos.

Para Rosaldo e Lamphere:

Certamente ninguém pode questionar que os sexos diferem na constituição biológica [...] mas a observação por si só das diferenças físicas nos informa pouca coisa sobre o mundo social onde vivemos; para os homens, a biologia torna-se muito importante se interpretada por normas e expectativas da cultura e da sociedade humana. (1979,p.59).

Comenta-se a respeito do termo gênero para identificar o aspecto social entre Homens e mulheres, e a palavra sexo para diferenciar suas características biológicas. No século XIX ocorreu forte ênfase nas mudanças significativas para as mulheres. Nísia Floresta teve uma participação muito ativa e ajudou a mudar essa mentalidade bastante sustentada pela sociedade patriarcal.

Uma das suas mais importantes conquistas foi que as mulheres podiam passear em locais públicos e também terem acesso à educação escolar, onde aos poucos foram mostrando que não precisavam se prender e privar-se de algo, pois conseguiam administrar suas conquistas sem abandonar as responsabilidades impostas pela sociedade.

Os pensamentos de Nísia Floresta e suas idéias e publicações sempre tiveram uma visão de transformação que começou a ocorrer na sociedade brasileira, bem como opiniões sobre outros assuntos relevantes no cenário nacional, como a escravidão, os índios, a educação e relatos de suas viagens, nas quais manteve contato com intelectuais europeus.

4. VIDA E OBRA DE NÍSIA FLORESTA

4.1. Uma obra diferenciada

Já vimos que Nísia Floresta era filha de Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, um português formado em Direito que chegou ao Brasil em meados do século XIX, mas não se têm informações de como foi parar em Papari, uma pequena cidade no interior do Estado do Rio Grande do Norte.

Lá chegando, Dionísio se apaixonou por uma viúva de nome Antônia Clara Freire, que já tinha uma filha. Mulher exemplar para a época, pois realizava suas atividades de doméstica (esta versão é dos registros posteriormente deixados por Nísia Floresta). Tiveram três filhos, duas meninas e um menino, sendo primeiro uma menina, conforme a certidão de batismo da igreja local, registrada como Dionísia Gonçalves Pinto em homenagem ao pai.

Nascia assim, no dia 12 de outubro de 1810, aquela que viria a se tornar uma ilustre brasileira. Seus outros dois irmãos chamavam-se Clara e Joaquim.

Dionísio e família mudavam-se de endereço constantemente. Existem registros de sua passagem por Goiana, e Recife e Olinda, cidades de Pernambuco. Como Dionísio era advogado, ele assumia causas e sentenças desfavoráveis à elite da região, tais como: fazendeiros e proprietários.

Em um dos episódios, algo muito interessante chama a atenção, mostrando desde já a quebra de convenções patriarcais por parte de Dionísia. Ela teve um casamento arranjado quando tinha somente 13 anos de idade, que durou pouco. Ao final, cada um foi para seu lado, não havendo registros de conflitos maiores.

Essa atitude foi uma das mais corajosas e revolucionárias decisões em tempos tradicionais, fazendo desse fato uma conquista que ela levaria para a vida adulta. A sociedade da época se assustou com a postura de uma mulher desfazendo o sagrado laço do matrimônio, sendo que os casamentos eram arranjados e não podiam ser desfeitos pela existência de famílias patriarcais.

A decisão fez com que Dionísia, em Goiana, começasse a ter seus primeiros contatos com o liberalismo, característica de seu pai, que sempre a incentivava a ler livros da biblioteca do Convento das Carmelitas, instituição existente desde o século XVII. Daí se iniciou seu prazer pela leitura e conhecimentos adquiridos, o que levou por toda a sua vida.

Com 18 anos, em 1828, ela perdeu o pai assassinado por razões políticas na cidade de Recife, por um militar chamado Uchoa Cavalcanti. Em um de seus livros, Nísia Floresta, citada por Barbosa, destaca:

...déspota brutal que exercia naquele tempo as prerrogativas de um título já caduco, o qual lhe dava, porém, como a muitos outros, a oportunidade de satisfazer impunemente os ferozes instintos de sua natureza, dissimulava havia algum tempo seu rancor contra o digno advogado que tivera a coragem de defender a causa de um infeliz pai de família que seu despotismo oprimia, e de enfrentar, com isso, o terror que seu nome inspirava.(2006, p.45).

O ato terrível ocorrido contra seu pai marcou muito a família de Dionísia, pois perdera inesperadamente quem sustentava a família. Mas mesmo com a perda, a família tinha que continuar e seguir a vida.No mesmo tempo em que aconteceu a morte de seu pai, ela teve um romance e se casou com o jovem Manoel Augusto. Segundo o *Almanaque Histórico*, essa união foi muito forte “[...]e o nome de Nísia Floresta está registrado, ainda hoje, na Biblioteca Nacional de Paris”.

Manuel e Dionísia tiveram uma filha em 1830, a quem deram o nome de Lívia Augusta de Faria Rocha, que seria a grande parceira e tradutora de Nísia Floresta em suas viagens. Ainda tiveram um segundo filho, em 1831, que nasceu morto.

Dionísia adotou um pseudônimo assim que começou a escrever suas obras e a expressar seus pensamentos, ficando conhecida como Nísia Floresta Brasileira Augusta, sendo: Nísia como um diminutivo de Dionísia; Floresta era o nome do sítio onde moravam quando nasceu; Brasileira pelo seu nacionalismo e Augusta em homenagem ao seu segundo marido, Manoel Augusto.

Suas primeiras escritas foram em 1831, em artigos num jornal chamado *O Espelho das Brasileiras*, de Pernambuco, onde relatava assuntos sobre as mulheres e culturas antigas. Iniciava-se assim a luta que Nísia Floresta iria carregar pela vida inteira como escritora e ativista dos direitos feministas.

O *Almanaque Histórico* informa que no ano de 1832 já se indagavam os motivos pelos quais as mulheres estavam sendo enclausuradas dentro de casa, ficando sempre à mercê da sociedade patriarcal.Constância Duarte, em um artigo, diz:

Nísia Floresta questiona em 1832 o porquê de não haver mulheres ocupando cargos de comando, tais como de general, almirante, ministro de Estado e outras chefias. Ou ainda, por que não estão elas nas cátedras universitárias, exercendo a medicina, a magistratura ou a advocacia, uma vez que têm a mesma capacidade que os homens. Como se vê, ela vai fundo em suas intenções de acender o debate e de abalar as eternas verdades de nossas elites patriarcais.(1997,p.67).

Nísia demonstrava seu incômodo em relação à posição da mulher na sociedade e sugeria as mudanças que poderiam ser feitas em sua luta contra as posições do sexo oposto.

Nesse mesmo ano, 1832, com 22 anos de idade, ela publicou seu primeiro livro, cujo título evidenciava sua preocupação com a sociedade patriarcal da época: *“Direitos das mulheres e injustiças dos homens”*. Esta sua obra foi marcante e deixou formas de como a mulher tinha que se preocupar com a educação e igualdade entre os sexos, dando sinais de que a mulher tinha, sim, um espaço a buscar.

Duarte cita Nísia Floresta onde ela enfatiza, com uma mescla de relato e provocação, a forma do autoritarismo dos homens sobre as mulheres: “Se este sexo altivo quer fazer-nos acreditar que tem sobre nós um direito natural de superioridade, por que não nos prova o privilégio, que para isso recebeu da Natureza, servindo-se de sua razão para se convencerem?”(2006,p.76).

Características bem evidentes que Duarte deixa nítidas onde prevalece a sociedade dominada por homens: “Nísia Floresta sempre fez questão de procurar respostas às questões relacionadas à distinção de gênero, bem como à iniciativa de causar mal-estar ao conservadorismo patriarcal”.(2006,p.23).

Em novembro do mesmo ano, Nísia Floresta e sua família mudaram-se para o Rio Grande do Sul. Esta mudança radical deu-lhe a oportunidade de refletir sobre a posição da mulher na sociedade e sobre o fato de que seu primeiro marido a perseguia, mesmo ele tendo aceitado a separação. Com tal situação, o melhor a fazer foi ir morar definitivamente em Porto Alegre. Com sua ida para o Sul do Brasil, Nísia Floresta levou sua família, sendo o marido, a filha, a mãe viúva e a irmã Clara. Seu irmão Joaquim optou por ficar em Olinda, pois tinha sido aprovado na Faculdade de Direito.

A cidade onde se instalaram, Porto Alegre, foi escolhida em razão de um convite feito pelo irmão de Manoel. E no ano seguinte, em janeiro de 1833, Nísia Floresta deu à luz o seu terceiro filho, Augusto Américo de Faria Rocha, em um turbilhão de alegrias. Mas no mesmo ano, em agosto, ela perdeu seu marido, que veio a falecer inesperadamente aos 25 anos de idade, e mais uma vez Nísia Floresta ficava sem uma pessoa do alicerce familiar.

Com essa perda ela se sentiu muito triste e sozinha, mas precisou desempenhar o papel de liderança da casa, pois tinha dois filhos, irmã e mãe para sustentar, fazendo com que assumisse com firmeza esse papel.

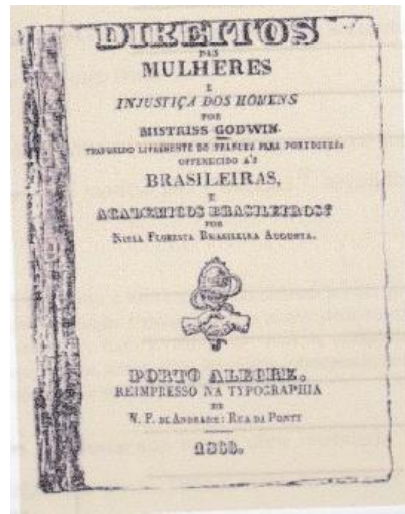
Sentimento de perda e angústia que ela descreveu anos após a perda do marido, em um de seus livros de viagem: *Três anos na Itália*, seguidos de uma viagem à Grécia em 1859. Escreveu ela, citada por Duarte:

Dia de eterno luto para o meu coração. Esta aurora surge aos meus olhos depois de uma série de longos anos, sempre carregada de tristeza! (...) Mas eu sinto com toda a minha alma que é cedo demais para esquecer um anjo que não fez mais do que passar um momento sobre a terra para difundir em minha alma o encanto de uma felicidade cujo segredo ele levou para o céu! (2006, p.23).

Ainda em Porto Alegre, Nísia Floresta mostrava seu interesse pela educação coletiva e sem distinção. Segundo o professor Luís Carlos Freire, um dos maiores pesquisadores de Nísia Floresta, pesquisa que realiza desde 1992, tudo indica que ela lecionava em casa. Esse processo educacional de ensino somente para meninas era considerado como uma atitude corajosa dela, pois estava em um local em que era dominada a figura da mulher submissa, uma tradição gaúcha.

Nísia Floresta lançou em Porto Alegre a 2ª edição do seu primeiro livro e teve a oportunidade de escrever em alguns periódicos. Estudos indicam que ela tenha usado um pseudônimo para não despertar muito a ira dos conservadores.

Figura 10 - 2ª edição do primeiro livro de Nísia.



Fonte: (ACERVO CONSTÂNCIA DUARTE,2016).

Com a Revolução Farroupilha, Nísia Floresta desencadeou pensamentos mais liberais e revolucionários, e acabou conhecendo Anita Garibaldi e Giuseppe Garibaldi, tornando-se bons amigos. Algum tempo depois, em uma viagem ao velho continente, Nísia Floresta encontrou seu antigo amigo revolucionário Giuseppe, ao qual dedicara palavras generosas em seu livro editado.

O pai de Nísia Floresta vivenciara ativamente as mudanças revolucionárias no Nordeste e, cansado, mudou-se de lá com a família e o mesmo aconteceu com ela na Região Sul do País. Em 1837 ela se mudou de novo, dessa vez para o Rio de Janeiro, tendo novas perspectivas de vida ao lançar a terceira edição de seu primeiro livro.

Já instalada no Rio de Janeiro, dez anos após sua mudança, publicou um livro no Rio Grande do Sul com o nome de *Fany*, ou *O modelo das Donzelas*. Castro elucida que esse é:

(...) um livro que conta a história de vida de uma jovem que vive em Porto Alegre, nos tempos da Revolução Farroupilha (o que nos permite conhecer uma versão de Nísia sobre o episódio). Esta jovem reúne todas as qualidades que seriam desejadas por uma moça: beleza, amor pelos humildes, obediência aos pais e sentimento maternal pelos irmãos mais novos. (2010,p.76).

Foi dada grande importância ao livro publicado por Nísia Floresta na obra de Retamozo e colaboradores: *O papel das mulheres na Revolução de Farroupilhas*, publicação que teve como destaque os 150 anos do episódio no Estado do Rio Grande do Sul, segundo Constância Duarte. O livro enfatiza o papel de Nísia Floresta como pessoa ativa na revolução. Uma das colaboradoras dessa obra, Niamara Ribeiro, explica que as indagações de Nísia Floresta sempre foram as mais importantes para tal movimento.

O que mais se destaca e parece ser um ponto comum a todos os escritores desse livro, é a importância do sexo feminino dentro da revolução. Maria Dutra da Silveira, uma das colaboradoras, ressalta o grande valor de Nísia Floresta ao assumir a chefia de sua família, sendo uma das itinerantes no papel da mulher e suas mudanças em relação à família em Porto Alegre. Flores completa:

[...] trata mais detidamente de Nísia Floresta incluindo-a também entre as intelectuais dessa época. Afirma que Nísia identificou-se com os farroupilhas, abraçando, como eles, a causa republicana e se indaga até que ponto não teria havido um intercâmbio ideológico entre a escritora e os farroupilhas, uma vez que Nísia teria trazido do Nordeste experiência política mais antiga que a dos sul-riograndenses. (apud DUARTE,2010,p.66).

Em 7 de setembro de 1849, sua filha Lívia sofreu um grave acidente causado por uma queda de cavalo, e em 2 de novembro do mesmo ano Nísia viajou com seus dois filhos para a Europa, Paris. Mas existem controvérsias em relação a essa viagem. Uns autores afirmam que ela usou a viagem como pretexto para fugir das pressões que a imprensa local realizava em campanhas difamatórias contra o Colégio Augusto, que ela fundara no Rio de Janeiro, exclusivamente para meninas.

Nísia voltou algumas vezes ao Brasil, mas efetivamente fixou residência em Paris e realizou muitas viagens a países como França, Inglaterra, Alemanha, Grécia, Itália e Portugal. Essas experiências de viagens lhe renderam muitos conhecimentos de lugares e de culturas.

Mesmo residindo em Paris, ela publicou em Niterói, em 1850, um romance que dedicou a uma amiga. O livro foi considerado o primeiro romance de uma nordestina e nesse mesmo ano ela participou, como telespectadora, de uma conferência proferida por Augusto Comte, no Curso de História Geral da

Humanidade. Depois dessa conferência nasceu uma grande amizade entre ela e Comte, que alguns autores supõem ter sido um intenso romance, pois ela sempre o recebia em sua residência em Paris.

Entre um emaranhado de sentimentos de tristezas e alegrias, muitas obras escritas por ela refletiam as experiências dessas viagens. E nos lançamentos de suas obras, sempre se encontrava com o filósofo positivista Comte, que acreditava na defesa da idéia de que o conhecimento científico seria a única forma de conhecimento verdadeiro.

Para Comte, “uma teoria é correta se ela foi comprovada através de métodos científicos válidos, e o progresso da humanidade depende exclusivamente dos avanços científicos”.(1932,p.33). Nísia, muito avançada para a época, acreditava nessa filosofia e métodos, por ser uma pessoa mais flexível e suficientemente aberta para romper os limites a que estavam expostas as mulheres de seu tempo e tentava colocá-las mais participativas na sociedade.

Com essa participação ativa do filósofo positivista Comte no ano de 1853 no Brasil, Nísia Floresta publicou o *Opúsculo Humanitário*, onde se refere à educação da mulher relacionada ao preconceito da formação educacional feminina no Brasil e em outros diversos países, conforme citação de Duarte:

Não nos embala a vã pretensão de operar uma reforma no espírito de nosso País. Por demais sabemos que muitos anos, séculos talvez, serão precisos para desarraigar herdados preconceitos a fim de que uma tal metamorfose se opere. Esperamos somente que os zelosos operários do grande edifício da civilização em nossa terra atentem para os exemplos que a História apresenta do quanto é essencial aos povos, para firmarem a sua verdadeira felicidade, de associarem a mulher a esse importante trabalho. A esperança de que, nas gerações futuras do Brasil, ela assumirá a posição que lhe compete nos pode somente consolar a sua sorte presente. (2005,p.69).

Nísia Floresta demonstrava mais uma vez o seu inconformismo com a condição das mulheres e reforçava a necessidade de uma futura mudança no quadro de desvalorização e inferioridade ao qual a sociedade as submetia.

No período em que viveu no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, a escritora francesa Adèle Samson deixou registrada num livro sua impressão sobre as condições sociais da mulher brasileira:

As brasileiras jamais saíam sozinhas às ruas... Viviam encerradas por seus esposos no fundo de suas casas, no meio dos filhos e dos escravos, não saindo nunca senão acompanhadas para ir à missa ou às procissões. [...] (2003,p.23).

Em analogia comparativa com o livro *A Moreninha*, de Macedo, faz-se uma alusão ao livro de Mary Wollstonecraft. O personagem do romance comenta ironicamente que sua acompanhante havia lido a obra e que defendia o direito das mulheres:

...o meu lindo par se levanta do banco de relva em que descansava; vou tomar-lhe o braço; tenho-me singularmente me divertido: a bela senhora é filósofa! (...) faze idéia! Já leu Mary Wollstonecraft e, como esta defende o direito das mulheres, agastou-se comigo, porque lhe pedi uma comenda para quando fosse ministra de Estado, e a patente de cirurgião do exército, no caso de chegar ela a ser general; mas, enfim, fez as pazes, pois lhe prometi que, apenas me formasse, trabalharia para encartar-me na Assembleia provincial e lá, em lugar das maçadas de pontes, estradas e canais, promoveria a discussão de uma mensagem ao governo geral, em prol dos tais direitos das mulheres. (2005,p.61).

Esse personagem defende os direitos femininos em tom irônico. Entretanto, entendemos que as mulheres em algum momento já não achavam mais natural a condição à qual eram submetidas pela sociedade, tendo sempre o seu papel de submissas e o sentimento de impotência.

Sempre incomodada com a situação vivenciada pela mulher no Brasil, em 1856 Nísia Floresta partiu novamente para a Europa, onde seu filho Augusto Américo permaneceu para estudar. E depois de 16 anos ela retornou ao Rio de Janeiro e teve a infeliz notícia de que o Colégio Augusto anunciava seu fechamento definitivo, após 18 anos de atividades.

Nísia, pressionada pela família e insatisfeita com o conflito da Comuna em Paris, retornou ao Brasil em 1872, mas não acompanhada pela filha Lívia, que preferiu ficar na Europa.

Dois anos depois Nísia voltou a Paris, onde sua vida foi categoricamente repleta de atividades e funções diferentes daquelas que tradicionalmente caracterizavam na época o sexo feminino.

Além de ser mãe e esposa, atuou como escritora, educadora, jornalista, poetisa, memorialista, professora, conferencista, tradutora, abolicionista, republicana e enfermeira. Quando residiu na Europa, foi a época em que escreveu a maior parte de suas obras, inusitadas e precursoras para os tempos em que vivia.

Nísia Floresta Brasileira Augusta faleceu em 24 de abril de 1885, vitimada por uma pneumonia. Dias depois de sua morte, foi sepultada no cemitério de Bonsecours, na França. A imprensa local não se manifestou a respeito.

Figura 11–O último endereço.



Fonte: (ACERVO CONSTANCIA DUARTE, 2016).

Conforme Duarte, alguns jornais do Brasil destacaram seu falecimento. O *Jornal do Comércio*, em 26 de maio de 1885 noticiou:

Faleceu em Ruão, França, onde desde alguns anos se achava, D. Nísia Floresta Brasileira Augusta, escritora cujo nome é conhecido nas letras pátrias. Por muitos anos exerceu aqui no Rio de Janeiro o mister de educadora da mocidade do sexo feminino, e da operosa tarefa a que se impusera, larga foi a compensação que encontrou nas muitas discípulas que lhe fizeram e ainda lhe fazem honra. (2006, p. 40).

O jornal *O País*, do Rio Grande do Norte, em 27 de maio de 1885 publicou:

A 24 do passado faleceu em Rouen, França, a nossa compatriota e distinta escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta, senhora de um espírito esclarecido, de coração generoso e que dedicou a maior parte de sua existência à educação da infância de seu sexo. (2006, p. 40).

E o jornal *A Província de São Paulo*, em 29 de maio de 1885, informava:

Brasileira notável. Faleceu em França uma escritora distinta, nossa patrícia, a Sra. D. Nísia Floresta Brasileira Augusta. Deixa trabalhos de valor, entre os quais livros de viagem e romances escritos em francês. (2006, p. 40).

Após seu falecimento, seus filhos Augusto e Livia também faleceram, respectivamente, em 1889 e 1912, não deixando nada dos pertences da grande escritora.

Em uma praça em Natal, desde 1911 foram colocados: medalhões de bronze feitos em Paris, selos, placas, Medalha de Mérito criada pelo Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres e das Minorias de Natal, e foto da primeira turma que se formou na Escola Doméstica de Natal em novembro de 1919.

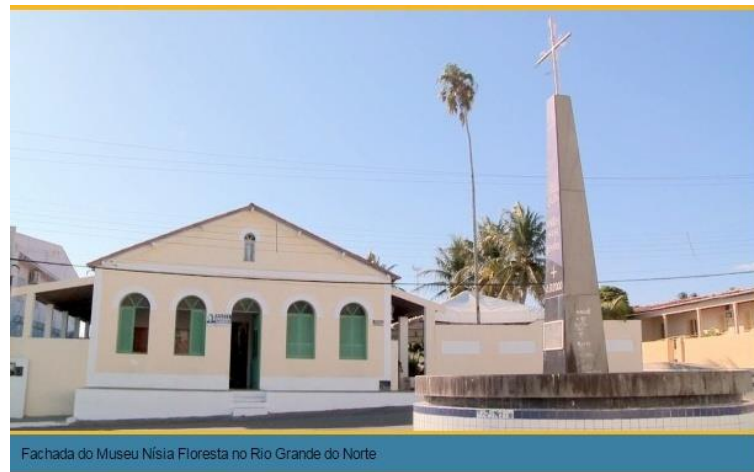
Em 23 de junho de 1953, o governo brasileiro autorizou a realização do traslado dos restos mortais de Nísia para o Brasil e desde 12 de setembro de 1954, os restos mortais de Nísia Floresta estão em Papari, que, aliás, teve seu nome modificado por reconhecimento a essa grande escritora feminina e feminista, passando a se chamar Cidade Nísia Floresta. Desde então ela repousa em um imponente monumento funerário construído em sua homenagem, próximo ao local de sua antiga residência, o Sítio.

Interessante o testemunho do Dr. Nilo Pereira, prefeito na época quando da chegada dos restos mortais de Nísia Floresta ao mausoléu, conforme Duarte:

O fim dessa peregrinação aí o temos. É ela afinal que volta. E todos nós voltamos com ela, porque fomos buscá-la no seu último retiro solitário e dizer-lhe que era tempo de repousar. O corpo quase intacto denota – quem sabe! – a espera longa e ansiosa.(apud REVISTA *BANDO*, janeiro de 1955).

Foi construído um museu para contar a trajetória e história de Nísia Floresta, localizado na cidade de mesmo nome, no Rio Grande do Norte, erguido para lembrar a autora que deu nome à cidade.

Figura 12 – Fachada do Museu Nísia Floresta no RN.



Fonte: (ACERVO CONSTANCIA DUARTE, 2016).

O museu está localizado em um casarão do século XIX no centro do município de mesmo nome, a cerca de 40 km da capital do Rio Grande do Norte. Foi inaugurado em março de 2012 para preservar, coletar e expor objetos, documentação e pesquisas vinculados à história e à memória histórica da escritora e educadora Nísia Floresta Brasileira Augusta.

O museu tem acervos permanentes e temporários e conta com uma biblioteca com cinco mil títulos com temáticas relacionadas ao negro, à mulher e à obra antropológica sobre Nísia, salas de leitura, auditório, sala multimídia, memorial e uma sala de apoio a pesquisadores, com suporte à produção textual, fotográfica e audiovisual. E também traça uma linha no tempo, com uma cronologia onde é

possível acompanhar a trajetória de vida e de luta da escritora que presenciou acontecimentos importantes, como a Revolução Farroupilha e a unificação da Itália.

O espaço também expõe edições dos seus livros, entre os quais: *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* (1833), *Conselhos à minha filha* (1842), *Discurso às suas educandas* (1847), *A lágrima de um caeté* (1849), *Opúsculo humanitário* (1853) e *A mulher* (1859).

Nesse processo de reconhecimento de Nísia Floresta, muitas homenagens lhe foram prestadas no Brasil. Assim o País tem por definitivo a admirada e ousada feminista Nísia Floresta. E até os tempos atuais seus escritos e palavras ainda ecoam em defesa das mulheres.

4.2.O papel de Nísia Floresta como educadora e escritora

Muitos motivos fazem refletir sobre o fato de Nísia Floresta ser representada no Brasil como a precursora do feminismo. A criação do Colégio Augusto, a partir da necessidade de uma educação igualitária para a mulher, e cujo nome foi em homenagem ao pai de seus filhos que morreu muito jovem no Rio de Janeiro, em 15 de fevereiro de 1838, o que na ocasião foi destaque em todos os jornais locais. No mesmo ano, em 31 de janeiro, o *Jornal do Comércio* anunciava a inauguração do colégio:

D. Nísia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitável público que ela pretende abrir no dia 15 de fevereiro próximo, na Rua Direita, nº 163, um colégio de educação para meninas, no qual, além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo o mais que toca à educação doméstica de uma menina, ensinar-se-á a gramática da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano, e os princípios mais gerais da geografia. Haverão igualmente neste colégio mestres de música e dança. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que há quatro anos se emprega nesta ocupação, dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas de zelo, assiduidade e aplicação no desempenho dos seus deveres, aguardando ocasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de suas filhas, que ela não é indigna da árdua tarefa que sobre si toma. (2006,p.17).

A oferta da educação nesse tempo era destinada mais aos homens. Então, a proposta de adotar uma educação inovadora e avançada para as mulheres não foi muito bem recebida pelos que resguardavam a família patriarcal. Afinal, essa inovação contrariava o que os homens pensavam: o universo das mulheres era o doméstico.

No processo de divulgação da inauguração do colégio com a respectiva grade curricular para o sexo feminino, não havia naturalmente na sociedade patriarcal presente quem fosse a favor.

O jornal *O Mercantil* considerava totalmente desnecessários esses ensinamentos, como insinuou em sua publicação:

[...] Há casas de educação que têm o mau gosto de ensinar as meninas a fazer vestidos ou camisas. Mas parece que D. Augusta acha isto muito prosaico. Ensina-lhes latim. E por que não grego e hebraico? Pobre diretora! Está tão satisfeita de si mesma e de seu colégio; está tão intimamente persuadida que é o primeiro estabelecimento de instrução do império que, em verdade, causa dó arrancar-lhe tão suave ilusão! É, pois, natural que D. Nísia, que nunca viu senão o próprio colégio, o ponha acima dos demais. Há nesta opinião mais ingenuidade do que vaidade. Notaremos apenas a D. Floresta que se esquece um tanto do verdadeiro fim da educação, que é o de adquirir conhecimentos úteis e não vencer dificuldades, sem nenhuma utilidade real. (17 de janeiro de 1847).

Nísia Floresta, nesse período, começou a ser centro das atenções em jornais e na própria sociedade em relação ao seu caráter questionador, às suas virtudes de enxergar além das paredes limitadas do lar.

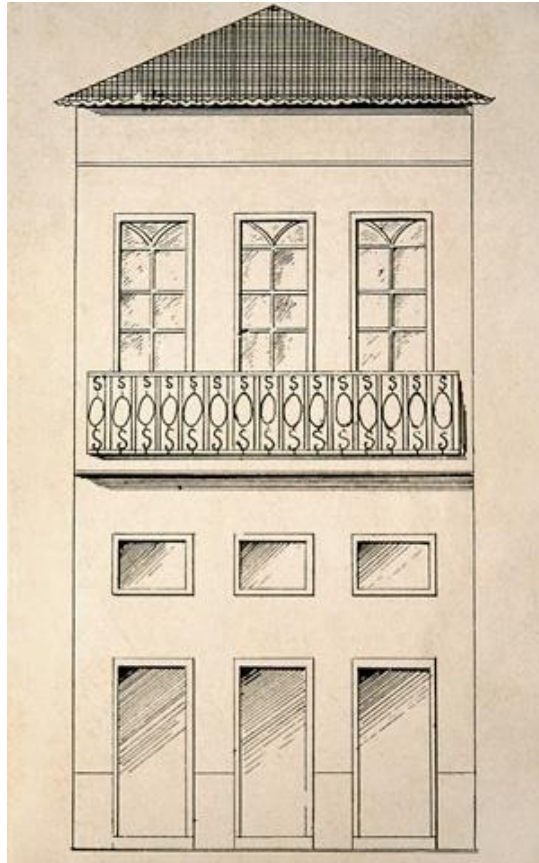
Para Barbosa, “não estava sendo admitido que uma mulher poderia criar desafios novos em tempos históricos de dominação massiva do sexo masculino”. (2006,p.55). Questionava-se: o preconceito, a controvérsia, a discussão estavam presentes em sua índole?

A sociedade desejava entender o que Nísia Floresta, considerada uma mulher ousada, queria fazer ao ensinar às mulheres coisas exclusivas dos homens.

Certamente houve perguntas sobre aquela escola que surgia como um atrevimento e ofensa ao período e também a uma sociedade dominada pelo poder e centralismo do homem.

Mas mudanças estavam por vir e Nísia Floresta não podia deixar de fazer parte dessas mudanças.

Figura 13 – Fachada do Colégio Augusto.



Fonte: (ACERVO CONSTANCIA DUARTE, 2016).

Esse mesmo jornal – *O Mercantil*, ironizou em suas edições, na coluna chamada Estatística Colegial, de maneira totalmente mal intencionada, a concretização do Colégio Augusto. Passou diariamente a insultar o modo de educar as mulheres. Em uma de suas edições, ao tratar das avaliações finais, escreveu: “Trabalhos de língua não faltaram; os de agulha ficaram no escuro.” E acrescentou: “Os maridos precisam de mulheres que trabalhem mais e falem menos.”

Nísia Floresta, preocupada com a condição da mulher, costumava ir à escola conversar com as meninas que ali estudavam. Suas palavras eram marcantes e faziam com lhes mostrasse também a importância do trabalho intelectual:

... não inutilizeis os esforços, que pela vossa educação se tem feito, deixando-vos de aplicar ao estudo de bons livros nas horas vagas, que vos ficarem de um trabalho proveitoso, com o qual deveis procura entreter o vosso espírito, a fim de que a ociosidade não o venha assaltar com os seus terríveis efeitos, e torná-lo incapaz de uma virtude, pela qual chegareis ao apogeu da felicidade. O sublime Fenelon compreendeu bem essa felicidade, quando disse: “A ignorância de uma donzela é causa de que ela se ache muita vez nesse estado de indefinível fastio do mundo, no qual não sabe em que se deva ocupar inocentemente. Quando ela chega a uma certa idade, sem aplicar-se a cousas sérias, não pode ter um gosto, nem estima para com elas; tudo o que é sério lhe parece triste; tudo o que demanda uma atenção constante, a fadiga; a inclinação aos prazeres, tão forte, durante a mocidade; o exemplo de pessoas de sua idade, engolfadas aos seus divertimentos, tudo serve de lhe fazer temer uma vida bem regulada e laboriosa” (1857,p.21).

Reforçando a educação para as mulheres no Brasil, Saffioti afirma que “era um monopólio dos jesuítas que não se preocupavam com a educação da mulher nas escolas, restritas aos afazeres domésticos, excluídas sempre dos hábitos de leitura e escrita”. (1979,p.29).

O movimento educacional já vinha surgindo com Nísia Floresta participando ativamente dessa mudança, e em março de 1827, D. Pedro I assinou a primeira legislação relativa ao acesso de mulheres às escolas, mas somente às escolas elementares, ficando as avançadas para os homens.

O viajante francês Saint-Hilaire afirmava que “a mulher inserida na sociedade patriarcal brasileira era a última numa escala social, inferiorizada até por um cão”. (1940, p.88).E completava: “Cercado de escravos, o brasileiro habitua-se a não ver senão escravos entre os seres sobre os quais tem superioridade [...]. A mulher é, muitas vezes, a primeira escrava da casa, o cão é o último.” (1940, p.81).

O Colégio Augusto conseguiu a matrícula de muitas alunas, e daí para a frente a escola começou a investir mais ainda no ensino das meninas, incluindo disciplinas como latim, caligrafia, história, português, francês, italiano, religião, inglês, dança, música, piano, desenho, costura.

Nísia Floresta nunca escondeu a importância da mulher na sociedade daquele tempo, dando-lhe o devido valor e abrindo novos caminhos para a

emancipação feminina e suas conquistas que, aos poucos, viriam ao longo dos anos.

Guacira Louro, pesquisadora assídua em estudar a questão da história da mulher no Brasil, enfatiza e aborda especificamente a questão da educação feminina, apresentando as representações e os discursos formadores da imagem da professora, e da “figura feminina no magistério que vai assumir, aos poucos, já no final do século XIX, o espaço do antigo primário, que os homens abandonariam lentamente”. (1997,p.45).

Esse processo da marcante figura feminina na área da educação foi reafirmando que o papel feminino nessa área era primordial, pois transmitia a questão da segurança materna no desenvolvimento do aprendiz, construindo assim a figura da mulher como o elemento específico para tal atividade.

O objetivo de educar a mulher era apenas o de prepará-la para o bom desempenho da vida doméstica, pois naquele momento não se cogitava de conquistas sociais.

Até mesmo Nísia Floresta, que se preocupou com a educação feminina durante toda a sua vida, acreditava que a mulher deveria ser educada principalmente para que pudesse educar seus filhos de forma satisfatória, embora acreditasse também na capacidade das mulheres em assumir responsabilidades que naquele momento eram exclusivas do sexo masculino: “Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos. E por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência. Eu digo mais, não há ciência, nem cargo público no Estado, que as mulheres não sejam naturalmente próprias a preenchê-los tanto quanto os homens.” (1989, pp. 52; 73).

Mas, apesar de não propor uma revolução imediata nos costumes, sua proposta pedagógica inovadora permitia às meninas o aprendizado de ciências, até então reservado apenas aos meninos.

Dentre as inovações, destacamos o ensino do latim, francês, italiano e inglês, com suas respectivas gramáticas e literaturas, o estudo da Geografia e História do Brasil, a prática de Educação Física e a limitação do número de alunas por turma, como forma de garantir a qualidade de ensino.

Figura 14 -Lista de alunas.



Fonte: (ACERVO CONSTANCIA DUARTE, 2016).

Nesta lista fica nítida a importância da qualidade do ensino com que Nisia Floresta se preocupava. Nota-se grifado o nome de Livia – sua filha mais velha, que aparece com destaque em latinidade, numa forma correta de ler e escrever o latim.

Nisia Floresta conseguia encantar diferentes públicos com seus discursos e escritos, com seu ensino eficiente e sua demonstração de convicção no que fazia, bem como nos livros que escrevia em defesa das mulheres.

Criou-se então no Brasil a primeira lei de instrução pública, que apesar de sua concepção de a educação feminina relacionar o aprendizado da mulher ao seu papel de esposa e mãe de família, temos de reconhecer que foi um avanço para a educação feminina, pois oficializava o ensino das primeiras letras para a mulher.

A justificativa de educar as mulheres vinha muito clara no texto da Lei, conforme Priore: “As mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas.” (1997, p.447).

Considerando a realidade educacional do Brasil Império, a qualidade do ensino no Colégio Augusto fica evidente. A pedagogia inovadora propunha o ensino de disciplinas que, na maioria das vezes, não eram ensinadas nem mesmo ao sexo masculino. Se o compararmos ao tradicional Colégio Pedro II, verifica-se que, a despeito de eles serem equivalentes no tocante ao pioneirismo das disciplinas ensinadas, o Colégio Augusto deu às mulheres a possibilidade de aprendê-las oitenta e oito anos antes de o Colégio Pedro II começar a admiti-las entre seus alunos.

Nísia Floresta não se restringia somente à educação das mulheres no âmbito da educação escolar. Andava pela cidade do Rio de Janeiro conversando, palestrando e orientando sobre contextos da igualdade em relação a tudo que estava inserido na sociedade e provocava aflição em algumas pessoas nessas suas andanças. E a política também entrava em suas pautas de orientações.

Ignez Sabino, memorialista que também lutava pelos direitos femininos, escreveu uma obra, "*Mulheres Ilustres do Brasil*", e não poupava elogios para Nísia Floresta nessa obra, conforme Sabino:

Saíam dali deslumbrados não só pela presença agradável da jovem senhora, como pela audácia da sua inteligência de primeira água e ainda mais...um horror para aquele tempo!...por ousar a ilustre dama falar em abolição e federalismo. (1996,p.28).

A população indígena no Brasil também era defendida por Nísia Floresta. Ela achava que os índios viviam em situação degradante. Ao contrário da maioria dos romancistas e viajantes estrangeiros da época, que viam os índios como selvagens, exóticos e alvos de curiosidades, Nísia se preocupava com a real situação em que eles se encontravam, pois eram vítimas de exploração e opressão da colonização portuguesa, principalmente os nordestinos.

Em 1849 ela escreveu o livro "*Lágrimas de um Caeté*", onde mostra e valoriza a cultura e inclusão dos índios nas escolas. Esta obra contém 172 versos escritos em que Nísia Floresta focou e mapeou, numa linha de escrita, a opressão do império aos nacionalistas e o sofrimento vivido pelos índios. O principal personagem do livro é Caeté, revoltado com a situação da perda de sua identidade e tido como um selvagem. Essa perda da identidade é ressaltada em um trecho de seu poema:

Índigenas do Brasil, o que sois vós?
 Selvagens? Os seus bens já não gozais...
 Civilizados/ não. Vossos tiranos
 Cuidosos vos conservam bem distantes
 Dessas armas com que feridos tem-vos.
 De sua ilustração, pobres caboclos!
 Nenhum grau possuís!...Perdestes tudo.
 Exceto de covarde o nome infame...(apud DUARTE, 2006,p.19).

Para Duarte, “o índio que Nísia Floresta descrevia não era o inocente nem um modelo de bondade”.(2006,p.22). O que ela queria era mostrar que mesmo com a invasão e colonização, eles permaneceram e tinham que ser respeitados pelo que representavam culturalmente com o fim da resistência indígena diante do branco invasor. Quando Nísia Floresta escreveu essa obra, ela se amparou no trabalho de Telesila, uma poetisa grega que lutou contra a opressão, pela liberdade dos oprimidos e das mulheres.

O processo da escravidão iniciou-se no período colonial e se estende até os dias atuais e este processo teve Nísia Floresta como uma de suas combatentes para a independência da mulher. Vários nomes renomados da história fizeram registros de descontentamento com a escravidão em que a mulher vivia, e naturalmente, eram favoráveis ao abolicionismo feminino. Dentre esses renomados nomes de pesquisadores e historiadores, Nísia Floresta foi a mais ativa em revelar-se contra o sistema escravocrata, juntamente com Maria Firmina dos Reis, escritora brasileira e criadora do Hino da Libertação dos Escravos.

Nísia Floresta ficou uma temporada de três anos na Itália e em seguida foi para a Grécia. Somente em 1864 é que ela iria explicitar de maneira mais categórica a sua não aceitação da escravidão que atravessava o Brasil e manchava a reputação das mulheres, já que na maioria dos países este sistema estava sendo abolido. Isso, para ela, era uma vergonha, por causa das mudanças consideradas modernas que o País ainda não aceitava. Duarte cita um trecho da obra de Nísia Floresta:

Ó minha pátria querida, Éden desse mundo imenso e extraordinário, reaparecido ao olhar deslumbrado de Colombo, deixa, ah! Deixa livremente explodir de teu nobre peito o grito humanitário, que sufocas penosamente, por força dos deploráveis preconceitos transmitidos por teus antigos dominadores de além-mar! Sê conseqüente com as instituições livres que te regem, com a religião que professas: quebra, oh! quebra os grilhões de teus escravos! (apud DUARTE, 2011,p.39).

Em sua obra *Páginas de uma vida obscura*, Nísia Floresta faz uma observação em relação ao mercado de vendas de escravos, pois existia uma ideia de que comprando escravos estariam fazendo o bem para a raça negra. Os negros d'África são mais infelizes vivendo ali livres, do que escravos em qualquer outra parte; nós lhes fazemos, pois, um bem, arrancando-os à miséria em que vivem na sua pátria. “Assim dizem geralmente imprudentes e sofisticos mercadores que não se envergonham de mentir à humanidade e à sua própria consciência!” (apud DUARTE, 2011,p.40).

No período da escravidão, para muitos, a situação dos negros era algo normal, visto estarem acostumados a fazer dos negros mercadorias que poderiam ser vendidas ou adquiridas em qualquer momento.

Quanto à figura da mulher, os positivistas a cultuavam e afirmavam que era superior moral e afetivamente ao homem. Entretanto, esse culto deveria ser doméstico, pois pregavam que a mulher deveria viver para outrem, ou seja, somente para a família. O positivismo conquistou a simpatia de muitas mulheres, inclusive de Nísia Floresta, por conta de sua crença na educação igualitária para homens e mulheres.

Havia profundas diferenças entre a filosofia de Auguste Comte e os ideais de Nísia, já que esta lutou pela valorização e respeito social para as mulheres, além do acesso à educação, enquanto os positivistas tratavam a mulher, praticamente, como uma divindade que devia ser cultuada no lar, mas só se restringindo àquele cenário.

Duarte salienta:

O método geral do positivismo de Auguste Comte consiste na observação dos fenômenos, opondo-se ao racionalismo e ao idealismo, por meio da promoção do primado da experiência sensível, única capaz de produzir a partir dos dados concretos (positivos) a verdadeira ciência (na concepção positivista), sem qualquer atributo teológico ou metafísico, subordinando a imaginação à observação, tomando como base apenas o mundo físico ou material. O positivismo nega à ciência qualquer possibilidade de investigar a causa dos fenômenos naturais e sociais, considerando este tipo de pesquisa inútil e inacessível, voltando-se para a descoberta e o estudo das leis e relações constantes entre os fenômenos observáveis. (2006, p. 55).

Em sua obra *Apelo aos conservadores*, Comte definiu a palavra *positivo* com sete acepções: real, útil, certo, preciso, relativo, orgânico e simpático. A influência positivista no Brasil ocorreu em diferentes âmbitos e em diferentes lugares. Mas foi no Rio de Janeiro, entre o final do Império e a I República que o positivismo foi mais notável no País, desempenhando um papel central tanto no processo de Abolição da Escravatura quanto no de Proclamação da República, além da realização da justiça social.

4.3. Nísia: Viagens, a Mudança Definitiva e o Contato com intelectuais

Da saída do Brasil até seu destino foram longos 52 dias de trajeto para o seu novo endereço na Europa. Ao Brasil retornou entre 1852 e 1855. Nísia Floresta passou por diversos países: Itália, Alemanha, Portugal, Bélgica, Grécia e Inglaterra. Como patriota apaixonada pelo seu País, não poderia deixar de fazer comparações das paisagens europeias com as brasileiras.

Segundo Franco, para ela, a paisagem natural brasileira era incomparável: “Ó doces reminiscências de infância! Ó imagem impagável da Pátria...! Que encanto sob o céu estrangeiro, por mais sedutor que seja, jamais vos poderá ser comparado?” (2008, p.54).

Em umas das suas idas à Itália, Nísia narrou um fato curioso que aconteceu com ela, no qual diz ter sido vítima de preconceito europeu, pois pensavam que todos os brasileiros seriam índios. Segue-se a descrição da situação que vivenciou quando teve que apresentar passaporte:

Entrando em uma pequena sala bastante confortável, deparamo-nos com um velho de ar doentio, que nos recebeu com grande polidez e, fazendo-nos sentar, pareceu interrogar com o olhar, muito espantado, o empregado que nos conduzira. Depois, voltando-se para nós, disse; “Perdão, senhoras, por tê-las incomodado, mas são de fato as senhoras brasileiras cujos passaportes acabo de ver?” – “Absolutamente certo” – respondi-lhe, “por que essa dúvida? Temos pressa em atravessar vosso magnífico Pó, cuja planície não me parece bem sadia.” – “Não, eu não duvido, senhora,” – disse-me ele, “mas, chegando à minha idade sem jamais ter visto brasileiros e sabendo por seu passaporte que duas senhoras daquele país passavam por aqui, não quis perder a oportunidade de satisfazer a curiosidade, vendo as habitantes de um país de que li as descrições mais belas”. – “E as mais grotescas, a respeito de seus habitantes, não é?”, disse-lhe, interrogando-o com bonomia. “O senhor esperava ver duas boas selvagens, pitorescamente vestidas de plumas, ou mesmo sem esta vestimenta, como seus ancestrais as encontraram na América e como alguns dos escritores europeus ainda se comprazem em pintar aquele povo, superior, sob muitos pontos de vista, a seus irmãos de além-mar”? – “Ai de mim! A senhora tem razão, e eu me libertei de um grande erro, no qual envelheci. Agradeço-lhe infinitamente a amabilidade, e, se tornar a passar por aqui e tiver necessidades dos serviços de alguém, peço-lhe dar preferência ao chef.” Agradecei-lhe o oferecimento apertando-lhe a mão, que me estendeu com respeitosa amabilidade. E nos separamos: a velha Europa, espantada com sua ignorância, e a jovem América, indulgente com seus detratores. Atravessei o Pó sem o prazer que experimento ordinariamente à vista de um belo rio. (1998,p.30).

Essa, infelizmente, era a visão que os europeus tinham do Brasil, assim como seus colonizadores, que enxergavam esta terra como um paraíso de índios e índias. E ficou nítida a curiosidade também do alfandegário pelo conhecimento distorcido das mulheres brasileiras.

Nísia Floresta, em suas andanças, fez grandes amizades com pessoas reconhecidamente do mundo literário e filosófico europeu, como Alexandre Herculano, escritor e historiador português, um dos principais poetas do período; Alexandre Dumas (pai); Lamartine Duvernoy, pianista e compositor; Victor Hugo; George Sand; Manzoni, escritor e poeta italiano; Azeglio, pintor e político, e Augusto Comte, com quem trocava cartas durante um ano, quando de seu retorno ao Brasil.

A amizade com Augusto Comte rendeu-lhe alguns comentários, com pessoas dizendo que eram amantes e vivenciavam uma relação amorosa bem forte. Na realidade, o filósofo francês tinha em Clotilde de Vaux a sua grande paixão. Mas as cartas trocadas entre Comte e Nísia eram motivo de orgulho entre os positivistas. Mas Nísia não adotou completamente essa linha de pensamento, já que, segundo Duarte:

Ao fazer a sua leitura do positivismo e ao destacar nele os pontos que mais atendiam a seus interesses intelectuais, Nísia Floresta adquiriu um certo verniz positivista que enganou a muitos que viram aí uma adesão completa. Tanto foi apenas superficial esta identificação, que não se encontra em seus escritos nenhuma outra referência a Comte ou à sua filosofia que não esteja diretamente relacionada com a melhoria da condição feminina. Ela, portanto, navegou, sim, nas águas positivistas, mas, em determinado momento mais precisamente, na definição de uma sociedade burguesa desenvolvida e moderna enquanto a barca de Comte parece ir para um lado, a de Nísia Floresta buscava outros portos. A dele esbarra na intolerância ao questionamento de seus "dogmas"; e na contradição patente entre o princípio do amor "viver para outrem" e o do autoritarismo, a que se soma a disciplina despótica da "Religião da Humanidade". E termina por naufragar quando prega o princípio de força como o fundamento necessário ao governo, e nega o pacto social e a liberdade de consciência. A barca de Nísia felizmente, é preciso confessar passa ao largo dessas turbulências e reencontra outros rumos que a levam em direção a um pensamento mais identificado com o liberalismo revolucionário.

(2006,p.33).

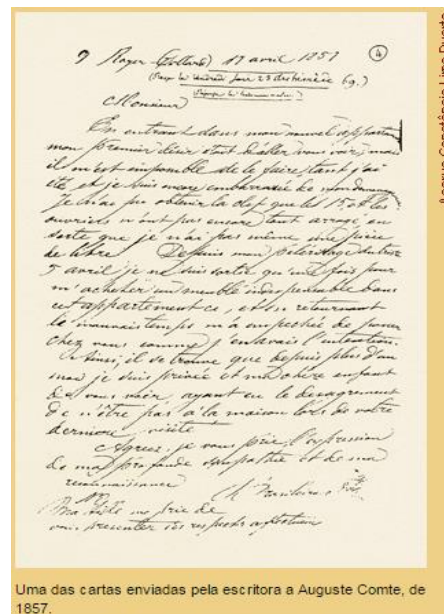
As cartas trocadas entre Nísia Floresta e Augusto Comte encontram-se arquivadas em dois locais: na Igreja da Humanidade ou Apostolado Positivista do Brasil, onde estão as cartas que Comte enviou a Nísia com datas de: 19 de agosto, 9 e 18 de dezembro de 1856, 18 de abril, 24 de maio, 24 e 29 de agosto de 1857.

Já na Europa, em Paris, na residência de Comte, que atualmente é um museu no endereço Maison d'Auguste, estão as cartas que Nísia lhe enviou nas datas de: 19 de agosto e 17 de dezembro de 1856, 5 e 17 de abril, 23 de maio e 1º de julho de 1857. Realmente bem antes dessas datas, em meados de 1851, ela se interessou pelas conferências de Comte sobre a História Geral da Humanidade, curso que ele

dava sobre seus pensamentos positivistas, que chamaram a atenção de Nísia Floresta.

Essas cartas são de cortesia pela recepção, agradecimentos, informações sobre doenças e tratamentos para a sua filha. Duarte fez um estudo dessas cartas, e chegou à conclusão de que as cartas estão além de agradecimentos e troca de conhecimentos. “Elas evidenciam situações de extrema amizade, bem como uma forte admiração pelo conhecimento intelectual de ambos”.(2003,p.34).

Figura 15 – Carta de Nísia, datada de 17 de abril de 1857.



Fonte: (ACERVO CONSTANCIA DUARTE, 2016).

Além das cartas, ela primeiro fez contato com a filosofia comtiana, pois, em 1851, era uma das pessoas interessadas que afluíam ao Auditório do Palais Cardinal para assistir às conferências ministradas por Comte no Curso de História Geral da Humanidade, na divulgação de suas teorias. Mais tarde, em 1856, ela se aproximou do filósofo e iniciou uma amizade cordial e respeitosa, pontuada de visitas, cartas e de mútua admiração, que duraria até a morte de Comte, no ano seguinte.

Nísia teria recebido algumas vezes a visita do filósofo em sua residência que, por sinal, ficava próxima do Jardim de Luxemburgo, da Sorbonne e do endereço de Auguste Comte, na Rue Monsieur Le Prince, 10. Aliás, na História do Positivismo no

Brasil, de Ivan Lins, temos o relato de uma destas visitas segundo o depoimento de um senhor de engenho pernambucano, que estava presente na ocasião, nos seguintes termos:

(O filósofo) era recebido sempre com testemunhos de profunda consideração e respeito pelos que frequentavam o salão da escritora brasileira. Esta ia pessoalmente recebê-lo à entrada de seu apartamento e dizia aos presentes, com visível entusiasmo, formulando um gesto de silêncio: "Aí está o sr. Comte, a maior glória da França. Procurem ouvi-lo e me darão razão. Não é um homem como os outros. É um gênio. A originalidade de suas concepções é tão sedutora como o cavalheirismo de que é feito o seu coração. Os clarões de sua inteligência transfiguram-no num homem belo, quando ele expõe seus grandes pensamentos sobre a moral, sobre política, sobre medicina. Sabe tudo, e todos o respeitam como a maior cabeça do século. Orgulhem-nos de apertar-lhe a mão. Voilàuntitre de gloire!

Foram os positivistas brasileiros e franceses os responsáveis pela preservação da correspondência trocada entre Nísia e Comte. Na Igreja da Humanidade ou Apostolado Positivista do Brasil no Rio de Janeiro, encontram-se as sete cartas que Comte dirigiu a Nísia Floresta. E, na Maison d'Auguste Comte, em Paris, estão as assinadas por Nísia para o filósofo, num total também de sete cartas. Curiosamente, a primeira e a última foram escritas no mês de agosto, perfazendo um ano de convivência epistolar.

Esta correspondência, que pela primeira vez foi traduzida e reunida numa publicação, poderia ser considerada, numa leitura apressada, apenas manifestações de cortesia, de agradecimento, expressões de pêsames, ou de notícias sobre a saúde. Mas ela nos revela muito mais. O conjunto de cartas trocadas por Nísia e Comte revela, principalmente, uma rara oportunidade de conhecê-los um pouco mais e de vislumbrarmos as particularidades da amizade que os unia, feita de admiração e respeito intelectual.

À medida que as cartas se tornam frequentes, elas deixam transparecer uma valiosa dimensão confessional e também inúmeros pormenores, tanto biográficos como relacionados ao pensamento positivista. Os emissores vão se expondo com relativa naturalidade, inclusive como não deviam fazer na presença física do receptor, e as opiniões parecem surgir espontâneas, sem maiores cuidados.

O fato de os escritores irem fragmentariamente se expondo, faz com que sua correspondência se torne, também, um precioso documento de sua biografia. Muitas informações, que encontramos de forma despreocupada nas cartas, sabemos,

podem iluminar aspectos obscuros ou pouco conhecidos da história intelectual e pessoal do escritor e, mesmo, da história de sua época.

Ouçamos Nísia Floresta em carta datada de 19 de agosto de 1856:

Senhor,

Uma leve indisposição que me acometeu no dia seguinte àquele em que tive o prazer de vê-lo e o estado de saúde de minha filha querida, que depois se agravou, me impediram de ir, tão logo quanto o desejara, exprimir-lhe, de viva voz, minha gratidão pela felicidade de que o senhor me fez desfrutar ao me enviar sua fotografia. Oferecida pelo senhor mesmo, ela se torna duplamente preciosa à estrangeira (...).

Na penúltima carta de Comte, de 24 de agosto de 1857, a mais longa dele para Nísia, visto que a doença logo o vitimaria, ele fala sobre sua descrença nos médicos e na medicina. Temos também a veemente contestação do autor pelas preocupações e conselhos de Nísia, por julgá-los infundados e desnecessários, e acreditar firmemente que o corpo se recuperaria por si, sem a necessidade de nenhum medicamento. Comte faz várias referências à amizade que devotava à "nobre viúva brasileira". Aliás, ela parece ter sido a última pessoa a receber cartas do filósofo, antes de seu falecimento.

Minha Senhora,

Em resposta à sua carta, muito afetuosa, porém pouco judiciosa, posso limitar-me a desenvolver a minha profunda convicção de que, se me tivesse infelizmente submetido às preocupações vãs emanadas da ciência falaz das 'notabilidades médicas', estaria atualmente morto. Sr. Audiffrent, que veio generosamente de Marselha para certificar-se sobre o meu estado, admitiu por completo esta opinião; deixou-me na última segunda-feira, depois de doze prolongadas visitas diárias, plenamente tranquilizado quanto à minha convalescença longa e trabalhosa, porém já certa e gradual dentro de um mês. Ela acabará lá para os fins de setembro, sem a menor intervenção médica" (...) Depois de me haver libertado da teologia, da metafísica e mesmo da ciência, conservando somente delas o que cada uma tem de incorporável ao positivismo, emancipei-me finalmente da medicina; o que não podia ter lugar pelos melhores discursos, porém por uma conduta decisiva num caso verdadeiramente grave.

Por intermédio dessa correspondência de Nísia Floresta e Comte é possível saber, por exemplo, que, em 5 de abril de 1857, Nísia fez uma visita ao túmulo de Clotilde de Vaux, a grande musa inspiradora de Comte, e lhe dedicou um texto emocionado e elogioso que muito comoveu o filósofo, conforme ele mesmo confessa em outra carta. A importância deste escrito pode bem ser avaliada quando se sabe

que foi guardado separadamente, com os documentos mais íntimos e prezados pelo próprio filósofo.

Quando sabemos que, nos arquivos da Maison d'Auguste Comte, existem cartas de apenas duas mulheres dirigidas ao filósofo — precisamente de Nísia Floresta e de Clotilde de Vaux, mais importância estas cartas adquirem. Elas se tornam, sem dúvida, em legítimo documento que elucida e testemunha um especial momento da história intelectual francesa e brasileira.

Mas, é preciso confessar, a relação entre Nísia Floresta e o positivismo sempre nos intrigou. Parece que havia uma contradição, a nosso ver, entre a Nísia feminista e aquela filosofia conservadora, que pretendia ser também religião. Todos que escreveram sobre a autora, desde fins do século XIX, pareciam fazer questão de destacar aquela amizade, como se isso fosse muito importante para a valorização de Nísia. Mas, observando tudo isso hoje, verificamos que, na verdade, o que ocorreu foi uma apropriação do discurso nisiano para atender aos interesses positivistas.

Se buscarmos nos escritos de Nísia Floresta os testemunhos de sua adesão a esta filosofia, veremos que eles são reduzidos, pois muitas das posições que assumiu como a defesa da mulher, da abolição e da educação feminina eram bandeiras que extrapolavam os ditames positivistas e pertenciam também a outras correntes de pensamento.

Em meados do século XIX, quando Nísia Floresta chegava à Europa, o "espírito de 48" estava na ordem do dia. Este espírito contaminava a todos e divulgava um vocabulário novo romântico e revolucionário em torno dos conceitos de "solidariedade", "humanidade", "povo", "fraternidade".

As palavras-chave de então eram liberalismo, nacionalismo e socialismo. Vivia-se sob o império das utopias, pois todos, de uma forma ou de outra, queriam mudar o mundo, as pessoas, as instituições. Assim, quando Nísia Floresta chegou à Europa, os principais filósofos, como Saint-Simon, Fourier, Bazard e Robert Owen alardeavam sua confiança no progresso vislumbrando aos leitores um futuro diferente para as classes sociais, até então exploradas e inconscientes. E os escritores tomavam partido e aderiam às novidades.

Em 1851, ao publicar o *Sistema de política positiva*, Comte lançava os fundamentos da "Religião da Humanidade", em que ele era o Sumo Sacerdote, e que pretendia o aperfeiçoamento moral e intelectual dos homens. A partir da

inspiração de Clotilde de Vaux modelo de feminilidade regenerada e perfeitamente pura, ficava reservado à mulher um "lugar de honra" nesta doutrina, tendo em vista sua "superioridade moral e afetiva", e a constituição da família (junto com a pátria) como o verdadeiro centro da unidade moral e social entre os povos.

Para que ela a mulher pudesse se dedicar apenas ao lar, cabia ao homem sustentá-la e ampará-la, poupando-a de todo e qualquer desgaste nas questões que extrapolassem os muros domésticos.

A doutrina positivista propunha ainda uma completa reforma social através da educação, partindo de uma nova mentalidade altruística para organizar uma sociedade pacífica e industrial. A superioridade feminina devia-se a uma suposta supremacia moral, afetiva e social por ela ser capaz, no desempenho de seus papéis, de maiores provas de altruísmo. O positivismo adquiria, assim, foros de uma ideia novíssima, e como o pensamento socialista, pontificava nas publicações da época empolgando e arrebanhando parte da elite intelectual burguesa mais jovem.

Dentre as publicações da escritora que costumam ser citadas como afinadas com o pensamento positivista, estão, primeiro, uma *Lettre au Brésil*, surgida numa revista francesa (*Ideal dos Povos*, n. 3, de 1856), ao lado de uma colaboração de Auguste Comte; o *Opúsculo humanitário* (1853), que condena os erros seculares da formação educacional da mulher, não só no Brasil como em diversos países. Quando conheceu o filósofo, em 1856, ela lhe ofereceu um exemplar deste livro, com uma dedicatória nos seguintes termos: Ao Grande Mestre da Humanidade, o profundo filósofo M. A. Comte, a homenagem da Autora, Brasileira Augusta.

Há, ainda, o texto *Um passeio no Jardim de Luxemburgo*, de 1859, que reflete sobre a mulher e a educação da juventude. Mas não custa lembrar, desde a tradução livre que fez de Mary Wollstonecraft, que intitulou *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, Nísia já defendia a superioridade feminina e o direito das mulheres ao estudo, ao trabalho e ao controle da própria existência. E em livros que se seguiram, ela contou a história da opressão da mulher no mundo e no Brasil.

Assim, ao anteciparmos que a adesão nisiana ao positivismo havia sido apenas parcial e que mantinha alguns limites, considerávamos, de um lado, os elogios feitos por ela à doutrina e ao autor; de outro, a independência de pensamento que conservou, apesar da familiaridade com o filósofo. E nada mais coerente que a autora se identificasse com uma filosofia que vinha ao encontro de

seus interesses e que enfatizava a supremacia feminina, tal como ela mesma fizera anteriormente.

O positivismo e o feminismo de então tinham pontos em comum, como a elevação do nível de instrução para o sexo feminino e a reivindicação de um ensino igualitário para homens e mulheres. Como se tratava de um feminismo *avant la lettre*, sem um corpo teórico estabelecido, nem condições de questionar a limitação dos papéis sociais femininos, as tarefas de esposa e de mãe terminavam por se imporem como sendo as funções primordiais da mulher.

Ao fazer a sua leitura do positivismo e ao destacar nele os pontos que mais atendiam a seus interesses intelectuais, Nísia Floresta adquiriu um certo verniz positivista que enganou a muitos que viram aí uma adesão completa. Tanto foi apenas superficial esta identificação, que não se encontra em seus escritos nenhuma outra referência a Comte ou à sua filosofia que não esteja diretamente relacionada com a melhoria da condição feminina.

Ela, portanto, navegou, sim, nas águas positivas, mas em determinado momento mais precisamente na definição de uma sociedade burguesa desenvolvida e moderna enquanto a barca de Comte parecia ir para um lado, a de Nísia Floresta buscava outros portos. A dele esbarrava na intolerância ao questionamento de seus "dogmas" e na contradição patente entre o princípio do amor "viver para outrem" e o do autoritarismo, a que se soma a disciplina despótica da "Religião da Humanidade".

E termina por naufragar quando prega o princípio de força como o fundamento necessário ao governo, e nega o pacto social e a liberdade de consciência. A barca de Nísia, felizmente é preciso confessar, passava ao largo dessas turbulências e reencontrava outros rumos, levando-a em direção a um pensamento mais identificado com o liberalismo revolucionário.

Portanto, no estudo de verdade, o que realmente evidenciou na relação dos dois não foi só uma forte amizade, mas também o pensamento mútuo de que a educação e a valorização do sexo feminino eram fundamentais na busca por igualdade de direitos. Nísia Floresta continuou com seu pensamento de independência feminina, mesmo depois da morte de seu melhor amigo. Sua admiração pelo conceito disseminado por Comte permaneceu na luta que já travava bem antes de conhecê-lo.

Nísia revelava que o mais importante para ela e seus leitores eram as impressões diante do que se via. Em quase todos os seus livros publicados, ela se

confunde com a narradora e não esconde as condições da sua vida particular, por exemplo: revela-as com informações precisas de sua vida, como o nome dos filhos e dos irmãos, as datas de morte da mãe e do esposo, além de muitas outras inúmeras referências passíveis de serem confirmadas em sua biografia.

A lágrima de um caeté. Rio de Janeiro: Typographia de L. A. F. Menezes, 1849.

Conseils a mafille. Traduit de l'Italien par B.D.B. Florence: Le Monnier, 1859.

Conselhos à minha filha, com 40 pensamentos em versos. 2. ed. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1845.

Conselhos à minha filha. Rio de Janeiro: Typographia de J. S. Cabral, 1842.

O segundo livro de Nísia Floresta foi escrito como presente de aniversário para sua filha, Lívia Augusta, quando esta iria completar 12 anos. Esse seu trabalho mais traduzido e editado, ela assina como "F. Augusta Brasileira". Aliás, assinar livros com variações de seu pseudônimo viria a se tornar uma prática constante em sua obra.

Consigli a mia figlia. 2. ed. Mandovi: [s. n.], 1859.

Consigli a miafiglia. Firenze: Stamperia Sulle Logge del Grano, 1858.

Daciz ou a jovem completa: historieta oferecida às suas educandas. Rio de Janeiro: Typographia de F. Paula Brito, 1847.

Dedicação de uma amiga. (Romance histórico). Niterói: Typographia Fluminense de Lopes & Cia, 1850. 2. vol.

Direitos das mulheres e injustiças dos homens. 2. ed. Porto Alegre: Typographia de V. F. Andrade, 1833.

Direitos das mulheres e injustiças dos homens. 3. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 1839.

Direitos das mulheres e injustiças dos homens. Recife: Typographia Fidedigma, 1832.

Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta (18 de dezembro de 1847). Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de F. Paula Brito, 1847.

Fany ou o modelo das donzelas. Rio de Janeiro: Edição do Colégio Augusto, 1847.

Fragments d'un ouvrage inédit: notes biographiques. Paris: A. Chérié l'Editeur, 1878.

Itineraired'unvoyage en Allemagne. Paris: Firmin Diderot Frères et Cie, 1857.

Le Brésil. Paris: Libraire André Sagnier, 1871.

Le lagrime d'uncaeté. (trad. Ettore Marcucci) Firenze: Le Monnier, 1860.

O pranto filial. (crônica) jornal *O Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1856, pp. 141-2.

Opúsculo humanitário. Rio de Janeiro: Typographia de M. A. Silva Lima, 1853.

Páginas de uma vida obscura; Um passeio ao Aqueduto da Carioca; O pranto filial. Rio de Janeiro: Typographia N. Lobo Vianna, 1854.

Páginas de uma vida obscura. (crônica) jornal *O Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, jan.-jun. 1855.

Parsis. Paris: [s. n.], 1867.

Passeio ao Aqueduto da Carioca; (crônica) jornal *O Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1855. pp. 68-70.

Scintille d'un'anima brasiliana. Firenze: Tipografia Barbera, Bianchi & C. 1859.

Troisans en Italie, suivisd'unvoyage en Grèce. Paris: Libraire E. Dentu, 1864, v. 1.

Troisans en Italie, suivisd'unvoyage en Grèce. Paris: E. Dentu LibraireÉditeur et Jeffes, Libraire A. Londres, 1872, v. 2.

Um improviso, na manhã de 1. do corrente, ao distinto literato e grande poeta Antônio Feliciano de Castilho; (poema) jornal *O Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, 30 abr. 1855, p.157.

Woman. Londres: G. Parker, 1865.

Nísia Floresta, além destas inúmeras obras, teve publicadas edições póstumas, a seguir relacionadas:

A lágrima de um caeté. (Estudo e notas de Constância Lima Duarte). Natal: Fundação José Augusto, 1997.

Neste livro foram escritos 712 versos em forma de poema, logo após a mudança dos insurgentes da Revolta Praieira, ocorrida em Pernambuco. Nísia Floresta traça uma espécie de paralelo entre a opressão do Império aos nacionalistas e o sofrimento vivido pelo índio após a colonização portuguesa. Sua principal característica é o rompimento com a estética romântica, que retratava o índio sempre como guerreiro, porém aliado de Portugal. O caeté da escritora é

inconformado com sua situação de subjugado e não demonstra traços de passividade, como o que era idealizado pelos demais escritores do Romantismo.

A lágrima de um Caeté. (apres. Modesto de Abreu.) Revista da Academia de Letras, Rio de Janeiro, jan. 1938.

Auguste Comte et mme. Nísia Brasileira: correspondance. Paris: Libraire Albert Blanchard, 1929.

Cartas de Auguste Comte a Nísia Floresta (texto original e tradução); jornal *A República*, Natal, jan.-fev. 1903.

Cartas de Nísia Floresta & Auguste Comte. (trad. Miguel Lemos e Paula).

Cintilações de uma alma brasileira (trad. Michelle Vartulli. Apres. e notas biográficas de Constância Lima Duarte). Florianópolis: Mulheres/Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.

Direitos das mulheres e injustiças dos homens. 4. ed. (apresentação, notas e posfácio de Constância Lima Duarte). São Paulo: Cortez, 1989.

Este é o primeiro e o mais importante livro de Nísia Floresta. Nele, a autora contesta a situação em que as mulheres viviam em seu tempo, praticamente enclausuradas e recebendo um nível de educação muito inferior ao dos homens.

Fany ou o modelo das donzelas. In: OSÓRIO, Fernando. *Mulheres farrupilhas.* Porto Alegre: Globo, 1935.

Fragmentos de uma obra inédita (trad. Nathalie Bernardo da Câmara. Apres. Constância Lima Duarte). Brasília: UnB, 2001.

Itinerário de uma viagem à Alemanha. 2. ed. (trad. Francisco das Chagas Pereira. Estudo e notas biográficas de Constância Lima Duarte). Florianópolis: Mulheres/Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998.

Itinerário de uma viagem à Alemanha (trad. Francisco das Chagas Pereira) Natal: Ed. UFRN, 1982.

Opúsculo humanitário. 2. ed. (Introd. e notas de Peggy Sharpe-Valadares. Posfácio de Constância Lima Duarte) São Paulo: Cortez, 1989.

Coletânea que reúne 62 artigos de Nísia Floresta, que foram publicados, apenas parcialmente, no jornal “Diário do Rio de Janeiro”, em 1853. Após o lançamento do livro, o jornal “O Liberal” publicou a série na íntegra, levando um total de 10 meses para veicular todos os capítulos. Trata-se de uma análise da escritora acerca da condição feminina, desde os tempos da Antiguidade até seus dias,

centrada no aspecto educacional. Nísia Floresta, mais uma vez, defende a educação feminina como chave para o progresso da sociedade.

Sete cartas inéditas de Auguste Comte a Nísia Floresta. Rio de Janeiro: Centro do Apostolado do Brasil, 1888.

Três anos na Itália (trad. Francisco das Chagas Pereira. Apres. Constância Lima Duarte).

Mas, apesar de ter escrito vários livros, artigos seu nome ter sido mantido no ostracismo, Nísia Floresta hoje é lembrada pelos estudiosos pelo pioneirismo de seu colégio, de sua obra literária e de sua militância, principalmente quando se trata da defesa dos direitos femininos. Esse pioneirismo foi um dos primeiros passos dados em direção às conquistas da mulher na sociedade, já que Nísia reivindicava principalmente o direito ao acesso à educação, mas nas gerações seguintes surgiram outras vozes clamando por direitos políticos, civis e econômicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão em torno do movimento feminista e os estudos feministas significaram um estudo profundo de cultura e história. Por um lado, deslocaram-se as explicações das diferenças que marcam a condição de mulheres e homens na sociedade ou seja, a discriminação entre os sexos não se encontra pré-determinada, enraizada na constituição do corpo humano, mas é socialmente construída desde o período patriarcal.

Contudo, a história da mulher ainda está sendo contada pelos olhares que enxergam nelas verdadeiras protagonistas ao longo dos séculos. O ideário de Nísia Floresta faz parte desta longa trajetória. A sociedade patriarcal que contextualizou a vida de Nísia Floresta permitiu que ela se tornasse uma porta-voz do sexo feminino que se via relegado a um segundo plano e vendo seus direitos serem flagrantemente violados. De modo geral, verificamos que a escritora, educadora, mãe e esposa tornou-se uma referência para divulgar e delatar os diferentes propósitos então vigentes, norteados pela dominante presença do homem. Além disso, via nos menos favorecidos a mesma prerrogativa que era imposta às mulheres.

Através da pesquisa de autores e autoras dedicados ao trabalho de Nísia Floresta e pelos seus escritos, demonstra as diversas obras mostraram uma visão avançada e distinta da que predominava em seus tempos. Nísia Floresta era uma visionária e corajosa, disposta a sair do lugar destinado à mulher e realçar seus objetivos.

Analisando a passagem do tempo, percebeu-se que as dificuldades que o sexo feminino enfrentava eram enormes. Restritas a um espaço privado, enquanto homens ocupavam mais os espaços públicos, as mulheres eram mantidas dentro de casa, atendo-se aos trabalhos domésticos que lhe eram próprios e cuidar do restante da família, como esposo e filhos. Inspirada por outras mulheres que habitavam o continente europeu e pelo liberalismo nascente, Nísia Floresta resolveu seguir a mesma linha e propor às brasileiras que seguissem os exemplos de igualdade e liberdade entre o gênero. As dificuldades enfrentadas em família, como a perda do pai e do marido ainda jovem, apresentaram-se como uma oportunidade de dedicar-se mais ainda em sua produção literária. Sua coragem de abrir um

colégio para somente para meninas e ensinar-lhes disciplinas restritas aos homens, incomodou muita gente e não sem consequências.

Por conta disso, é natural que a difamassem a não a vissem com bons olhos. Mas era necessário seguir em frente. Foi possível verificar que suas viagens e o fato de morar na Europa durante longos vinte oito anos, trouxeram-lhe novos caminhos. Não há como negar que o contato com intelectuais de distintas áreas ajudaram em seus intentos. Via neles inspiração para combater males que angustiam e atormentavam o país, muitos deles já extintos em lugares do velho mundo.

É quase que incompreensível que uma brasileira deste porte permaneça, até hoje, uma desconhecida e esquecida por quem deveria lembrar as grandes personagens e suas influências para as demais camadas da população. Seu trabalho merece ser lembrado como uma abertura a novos caminhos e um enfrentamento necessário para que a educação se torne cada vez mais um degrau na escalada longa que a mulher ainda possui nos dias atuais. Salienta-se que o movimento feminista tornou-se o ponto essencial nesta constante busca de igualdade entre gênero. Ainda há muito a ser feito. Mas podemos observar que pessoas como Nísia Floresta abriram portas e oportunidades impensáveis às mulheres. O seu engajamento é um modelo a ser seguido e seus pensamentos são ainda muito presentes e reais num mundo sempre desigual, mas que poderia ser menos injusto.

Naturalmente sua vida não se encerra por aqui. Há ainda muito a ser descoberto e estudado sobre Nísia Floresta. Transformações ocorrem pelas ações e Nísia Floresta Brasileira Augusta sabia bem disso.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Zina Gonçalves de ***Luta das Mulheres pelo Direito de Voto***. Movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos São Paulo: Ponto Delgada, 2002.

ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea**. 2004. 123f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é o trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 8ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Queiroz. **Colégio Pedro II**. – um lugar de memória. 1999. 201f. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1999.

ASTELARRA, Judith. **Patriarcado: Estado, Ideologia e Política**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1988.

BARBOSA, Paulo Corrêa. **Nísia Floresta: uma mulher à frente do seu tempo - almanaque histórico**. Brasília: Mercado Cultural, 2006.

BEAUD, M. **História do capitalismo de 1500 aos nossos dias**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIANCHINI, Alice. **A luta por Direitos das Mulheres**. Carta Forense. São Paulo: Editora 71, 2009.

BUITONI, Dulcília S. **Mulher de papel. A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

BURDIEL, Isabel. "Introducción". In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Vindicación de los derechos de la mujer**. Madrid: Cátedra, 2000.

CANOAS, Cilene Swai. **O olhar feminino de 2010**. São Paulo: Texto Novo, 1997.

CARDOSO, Iredé. **Os tempos dramáticos da mulher brasileira**. São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano, 1981. Coleção História Popular, v.2.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Paulo: Paz e Terra, 2008. v.2.

CERTEAU, Michel de. **A Operação Historiográfica: A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo: subsídios para a sua história**. 2.ed. Org. Zahidé L. Muzart. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

COMTE, A. **Catecismo positivista ou sumária apresentação da Religião universal**. 4a ed. Rio de Janeiro : Apostolado Positivista do Brasil, 1934.

COLEÇÃO NOSSO SÉCULO. 1960-1980, São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1980; Vol. 5, p.13

DUARTE, Constância L. **Nísia Floresta, vida e obra**. Natal: UFRN, 1995.

_____. **Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft, diálogo e apropriação**. Literatura e feminismo, propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

_____. **Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft, diálogo ou apropriação?** O eixo e a roda. *Revista de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte, vol. 7, 2001.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Rachel de Queiroz – Literatura e política no feminino**. Natal: UFRN, 1995.

FERREIRA, Maria Mary. **As “caetanas” vão à luta**: a trajetória do Movimento Feminista no Maranhão em face das políticas públicas. São Luís: 1999. Dissertação de Mestrado, UFMA.

FLORESTA, Nísia. **Os direitos das mulheres e injustiça dos homens**. Introdução, Posfácio e Notas de Constância L. Duarte. São Paulo: Cortez, 1989.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma Viagem ao Brasil**. Tradução e notas de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956

HAHNER, June E. **A mulher brasileira**: e suas lutas sociais e políticas (1850-1937). São Paulo: Brasiliense, 1981.

IHERING, Rudolf Von. **A luta pelo direito**. Trad. de João de Vasconcelos. 18^a. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

KARAWEJCZYK, Mônica. **As filhas de Eva querem votar**. Dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c.1850-1932). 2013. p.398. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LEITE, Miriam Moreira. **Outra face do feminismo**, Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

LESKINEN, M. **Educación, una clave hacia la igualdad**. Revista Observatorio Social, n. 5, 2004, pp. 11-78.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 12-46 ou cap.4

PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 4: O século XIX. Porto: Afrontamento, 1995.

MAIA, Ignez Sabino Pinho. **Impressões**(ed. 1887). São Paulo: Mercado Livre, 2016.

MICOLIS, Leila. **Mulheres encontram mulheres**. Disponível em: <<http://www.cronologia.com.br/planetagay/lesb9.htm>>. Acesso em: 7 mar.2016.

MILL, John Stuart. ***On Liberty***. Great books of the Western World: American State Papers. The Federalist, J. S. Mill. Vol. 43. Chicago: Encyclopedia Britannica, Inc., 1952.

MIRANDA, Cynthia Mara. ***Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil***. NIEM/UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/os%20movimentos%20feministas_cynthia.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2015.

MURARDO, Rose Marie. ***La mujer en el tercer milenio***: una historia de la mujer a traves de lo tiempo y perspectiva para el futuro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. ***Sexualidade da Mulher brasileira, corpo e classe social no Brasil***. Petrópolis: Vozes, 1983.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). ***Escritoras brasileiras do século XIX***. Antologia. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Mulheres/Edunisc, 1999, pp. 32-104.

PALLARES BURKE, M. L. G. ***Gilberto Freyre***: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

PERRY, Marvin. ***Civilização Ocidental***. Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PINTO, Célia Regina Jardim. ***Uma história do feminismo no Brasil***. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

_____. ***Feminismo, história e poder***. Revista de Sociologia e Política. Curitiba, v.18, n.36, pp.15-23, jun.2010.

PINTO MARTINS, S. ***Derecho del Trabajo***. São Paulo: Atlas, 2008, pp.13-99.

PIZÁN, Cristina. ***La ciudad de las damas***. Madrid: Siruela, 2001, pp.199-200, tradução nossa.

PROBST, E. R. ***A Evolução da mulher no mercado de trabalho***. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>. Acesso em: 25 jan., 2016.

- PUGH, Martin. ***The March of the Women***. A revisionist analysis of the campaign for women's suffrage, 1866-1914. London: Oxford University Press, 1999..
- REMATOZO, Aldina Correa; RUDIGER, Francisco Ricardo et al. ***O papel da mulher na Revolução da Farroupilhas***. Porto Alegre: Ed. Tchê, 1986.
- ROWBOTHAM, Sheila. ***A Century of Women. The History of Women in Britain and the United States***. London: Viking, 1997.
- SAbino, Ignez. ***Lutas de Coração***. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro Santos, 1996.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de - ***História das Plantas Mais Notáveis do Brasil e do Paraguai***. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2011.
- SAMSON, Adèle Toussaint. ***Uma parisiense no Brasil***. Rio de Janeiro: Capivara, 2003.
- SILVA, Maria de Fátima. ***O Segundo Sexo***. Condição feminina sob o jugo da tradição. In: GIL, Isabel Capeloa; PIMENTEL, Manuel Cândido (orgs.). *Simone de Beauvoir*. Olhares sobre a Mulher e o Feminino. Lisboa: Nova Vega, 2010.
- SCOTT, Joan W. ***Gênero***: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 16, 1999.
- SOIHET, Rachel. ***Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920)***. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- STANSELL, Christine. ***The feminist promise: 1792 to the present***. New York: Modern Library, 2010.
- STOLKE, Verena. ***La mujer es puro cuento***: la cultura del género. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, v. 12, n. 2, pp. 77-105, maio/ago., 2004.
- TELLES, Vera da Silva. ***Questão social***: afinal do que se trata? *São Paulo em Perspectiva*. Fundação Seade, vol.10, 1996.
- VARIKAS, Eleni. ***Gênero, Experiência e Subjetividade***: a propósito do desacordo Tilly-Scott. In: Cadernos Pagu: desacordos, desamores e diferenças, Campinas, n. 3, 1994, pp. 63-84.

ZIRBEL, Ilze. ***Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: um Debate***.2004. 106f. (Tese de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.